Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Quinta-feira **2.5.2024** / Diário / Ano 160.º / N.º 56 623 / € 1,50 / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

CGTP
ABRIL POR UM PORTUGAL COM FUTURO

PAULO ALEXANDRINO / GLOBAL IMAGENS

1.º DE MAIO

Trabalhadores unem-se por "uma vida boa" e contra o Governo

PÁGS. 4-7

UMA EM CADA 100 CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR TEM AUTISMO

EDUCAÇÃO Professores e técnicos especializados nas escolas têm um papel fundamental na educação de crianças com autismo. Estimativas em Portugal apontam para 1% de incidência de autismo nas crianças em idade escolar. Há escolas com as valências necessárias, mas a maioria sofre com falta de recursos humanos. PÁGS. 10-11

PAUL AUSTER

Ascensão e morte da última estrela da literatura americana

PÁG. 27

ANDRÉ CARRILHO

LISBOA
Das 2000 novas paragens de autocarro só 60 têm painéis com tempo de espera
PÁG. 13

UNIVERSIDADES EUA
Manifestações pró-Gaza atingem novo pico de violência
PÁGS. 16-17

AUTOMÓVEIS
Importações de carros usados disparam 38% face a 2019 PÁG. 15

FC PORTO
Zubizarreta: estabilidade, identidade, troféus e saldo negativo em jogadores PÁG. 24

Até ver...

Rui Frias
Editor do Diário de Notícias

O bilhete está caro para o elevador social

Na semana passada, uma manchete do Diário de Notícias refletia uma realidade crescente na sociedade portuguesa: a corrida às escolas privadas continua a aumentar, com cada vez mais pais a depositarem nos colégios a confiança para o percurso académico dos seus filhos. E esse é um facto, sublinham os próprios diretores do ensino particular, que está longe de ser exclusivo das famílias mais abastadas, com o perfil de quem procura o privado a evoluir também para estratos sociais mais baixos, que, apesar dos aumentos anuais dos valores de matrícula, fazem esforços suplementares para terem os filhos em colégios.

A Educação como um elevador social é, em Portugal, um conceito cada vez mais privatizado. Fruto de opções políticas que transformaram o Sistema de Ensino numa espécie de indústria de notas e *rankings*, comercializando o que deveria ser tendencialmente um serviço universal e gratuito, promotor de igualdade de oportunidades, a que se aliou um quase abandono da escola pública, votada praticamente ao papel de um Serviço de Urgência Educativo, disfuncional, para cumprir mínimos assistenciais (e constitucionais).

A degradação da escola pública – que, atravessando vários Governos de diferentes ideologias, se agudizou nos últimos anos de governação PS, incompreensível para quem tem a escola pública como uma das suas principais bandeiras ideológicas – tem servido naturalmente para reforçar a via privada do ensino. O que leva cada vez mais pais, legitimamente preocupados em providenciar aos filhos as melhores condições para serem bem-sucedidos no percurso académico, a esforçarem-se por pagar uma matrícula num colégio privado.

Os dados mais recentes divulgados pela Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) revelam que dois em cada 10 alunos frequentavam escolas privadas no ano letivo de 2021/2022. De lá para cá, embora ainda sem dados oficiais, sabe-se que o número tem aumentado.

Também sem surpresa, o maior crescimento no privado foi no Ensino Secundário, onde os colégios contavam com 84 768 estudantes matriculados em 2021/22, o equivalente a cerca de 21% do total. Em Lisboa e no Porto, já há inclusive mais estabelecimentos privados do que escolas públicas.

Todos sabemos – e uma investigação da Inspeção-Geral de Educação e Ciência comprovou-o em 2019, por exemplo – que há uma facilidade em inflacionar notas no Ensino Secundário privado, numa fase crucial para definir o futuro de milhares de jovens, todos os anos. E todos sabemos como as regras de acesso ao Ensino Superior compensam o "crime". Os pais sabem-no. Basta aliás fazerem uma qualquer simulação *online* para perceberem que um mero e insuspeito valor de diferença na média interna do Secundário (0 a 20) entre um aluno de público e do privado faz com que sejam precisos mais 2 a 3 valores (0 a 20) num exame nacional para compensar esse *handicap*.

Se aliarmos a isso a falta recorrente de professores, as greves constantes, os meios escassos ou obsoletos ou a ausência de apoio escolar eficiente na escola pública, torna-se, de facto, difícil não entrar na regra do jogo: os pais fazem contas ao orçamento e todos os esforços possíveis para dar aos filhos a melhor hipótese de entrarem nos cursos universitários mais pretendidos. E se entrar no Curso X fica incomparavelmente mais fácil frequentando o Colégio Y no Secundário, onde o sistema está montado para produzir esse resultado, com orientação específica, apoio eficaz e, se preciso for, talvez até uma décima a mais na classificação final, é óbvio que o vão tentar.

Mas se alguns pais ainda conseguirão hipotecar casa, abdicar de carro e sabe-se lá o que mais por esse bilhete de acesso ao elevador social, a maioria das famílias de classe média/baixa tem mesmo de se ficar pelas escadas. Dados recentes da Direção-Geral do Ensino Superior mostram-nos que menos de metade (44,35%) dos estudantes com o escalão máximo de Ação Social que completam o Secundário transitam para o Superior. E apenas 6% destes entram nos chamados cursos de excelência – a maioria deles devido ao recente contingente prioritário criado para alunos do escalão A.

Por si só, promover a liberdade de escolha entre público e privado – como acontece em alguns países através de cheque-ensino, por exemplo – não passaria, na realidade portuguesa, de um logro maior que serviria, sobretudo, para acrescentar camadas a esta lógica comercial do percurso académico. Basta olhar para a concentração geográfica do ensino privado no litoral para antever como isso introduziria um mecanismo de desigualdade ainda maior.

O que urge devolver ao Sistema Educativo é o regular funcionamento do elevador social em todos os seus edifícios, e não normalizar a ideia de um serviço acessível apenas em algumas escolas, mediante a aquisição prévia de bilhete, alimentando a lógica de uma meritocracia de berço.

OS NÚMEROS DO DIA

780

MIL DOSES
A Polícia Judiciária deteve na terça-feira cinco homens com 780 mil doses individuais de cocaína, em flagrante delito, no aeroporto de Lisboa, no âmbito da operação *Passageiros Fantasma*.

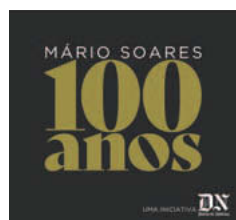
19

ANOS
O britânico Adrian Newey, engenheiro que há 19 anos desenvolve os carros da Red Bull, Campeã em título da Fórmula 1, vai deixar a formação austríaca em janeiro de 2025. A formação do Tricampeão Mundial, o holandês Max Verstappen, não explicou o motivo da saída.

1500

MORTOS
As minas antipessoais provocaram a morte de 1500 pessoas em 2023 na Etiópia, sobretudo nas regiões de Tigré e Afar, indicou ontem uma responsável das Nações Unidas.

24

MORTOS
Foram 24 as vítimas mortais causadas pelo desmoronamento de uma autoestrada na Província de Guangdong, no sul da China, informaram as autoridades locais. Dezoito carros caíram por uma encosta depois de um troço da autoestrada com 17,9 metros de comprimento ter desabado.

MÁRIO SOARES 100 anos

DN Global Media Group
2.5.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editor-chefe** Nuno Ramos de Almeida **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Alexandra Tavares-Teles, Amanda Lima, Ana Meireles, Bruno Horta, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Manuel Catarino, Margarida Davim, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Sara Azevedo Santos, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida e António Mateus (coordenadores), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **NotíciasMagazine** Inês Cardoso (diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

Alfredo Fernandes, de 96 anos, trouxe a bandeira da pátria ao 1.º de Maio e deixou um recado: "O 25 de Abril trouxe-nos a liberdade e é muito importante."

PAULO ALEXANDRINO / GLOBAL IMAGENS

1.º DE MAIO

Esquerda une-se por "uma vida boa" e contra o Governo

SALÁRIOS 50 anos depois do primeiro *Dia do Trabalhador* em democracia, PS, BE, PCP, Livre e PAN pedem melhores condições para quem produz a riqueza. A líder bloquista, Mariana Mortágua, propôs "leques salariais" por considerar que não há "nenhuma razão para que o presidente de uma empresa ganhe 100, 200, 300 vezes mais que" um trabalhador.

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

Portugal já assistiu a 50 manifestações do *Dia do Trabalhador* em democracia, mas há reivindicações que não mudam, apesar dos "passos extraordinários" que foram dados desde o 25 de Abril, assegurou ontem o secretário-geral do PCP, Paulo Raimundo, durante a tradicional manifestação organizada pela CGTP no 1.º de Maio: "Falta fazer muito, e falta, desde logo, fazer uma coisa que foi um elemento central de Abril, que foi a Justiça Social".

Sem surpresas, o tema parece ter sido concertado entre os partidos da ala esquerda do Parlamento e pela CGTP, que se centraram nas condições de trabalho em Portugal, a começar nos salários e nos horários, e passaram por críticas ao Governo, que, de acordo com o PCP, não cumpriu "as promessas que fez aos setores profissionais".

Também a líder bloquista, Mariana Mortágua, depois de ter defendido melhorias na forma como o trabalho é desempenhado em Portugal, apelando a que a discussão passe para a Europa, destacou que o Governo "tem dado sinais contrários" sobre este tema.

"Não há um compromisso sério

com o aumento do salário mínimo, nem nenhuma proposta para aumentar os salários médios", criticou Mariana Mortágua, enquanto assegurou que o seu partido sabe "como é que se faz".

Para a coordenadora do Bloco, é preciso impor "leques salariais" para "combater a desigualdade dentro da mesma empresa. Impedir que um trabalhador precise de um ano para ganhar o mesmo que um administrador ganha num dia."

A proposta já tinha surgido antes. Depois de defender que o salário mínimo passe para 900 euros "já este ano" e que a semana de trabalho passe a ser de quatro dias, Mariana Mortágua sugeriu a introdução de "leques salariais", por considerar que "não há nenhuma razão para que o presidente de uma empresa ganhe 100, 200, 300 vezes mais que ganha um trabalhador. Não trabalha 300 vezes mais. Essa é uma condição para grandes empresas pagarem salários milionários aos seus presidentes", criticou.

Segundo a líder do Bloco de Esquerda, "os leques salariais obrigariam a que um presidente para se pagar a si mesmo um salário milionário pode fazê-lo, mas tem de subir os salários de todos os trabalhadores dessa empresa".

Afinado com o Bloco, também o porta-voz do Livre, Rui Tavares, ergueu uma das suas mais importantes bandeiras – a semana de quatro dias de trabalho – e defendeu que "é preciso conhecer bem os dados, foi feito no privado e os resultados foram positivos". De acordo com Rui Tavares, "a produtividade aumentou ou é a mesma".

A mesma estratégia

A pouco mais de um mês das eleições europeias, líderes do BE e do PCP apareceram na manifestação acompanhados pelos cabeças de lista dos partidos para a corrida ao Parlamento Europeu, respetivamente Catarina Martins e João Oliveira. No que diz respeito ao PS, foi a própria cabeça de lista socialista, a deputada Marta Temido, que lembrou "a importância do trabalho na agenda europeia".

A também ex-governante assinalou "uma grande responsabilidade em relação a um conjunto de compromissos, com uma *Agenda do Trabalho Mais Digno*, melhores salários, naturalmente, sempre com mais emprego, mas também com melhores condições de vida para os trabalhadores".

"Aquilo que a Europa assumiu e que Portugal traduziu para as suas metas nacionais em relação à taxa de emprego, em relação à taxa de população adulta a fazer formação que permita lidar com os novos desafios do mundo trabalho, em relação à diminuição da pobreza, são desafios que não são só para ficar no papel", concluiu.

50 anos de luta sindical livre

Também o secretário-geral da CGTP, Tiago Oliveira, no seu discurso na Alameda D. Afonso Henriques, afirmou que Portugal tem "um Governo dos grupos económicos", o que contrasta com as reivindicações de há seis dias "uma das maiores manifestações de sempre em defesa e afirmação dos valores de Abril".

Para além de propor que o horário de trabalho passe a ser de 35 horas semanais, tal como apelou Paulo Raimundo, o sindicalista insistiu num aumento de 15% para todos os trabalhadores, que teria de corresponder a uma subida mínima de 150 euros por mês. A par destas reivindicações, e afinado com as propostas do PCP, Tiago Oliveira também propôs que o ordenado mínimo passasse a ser mil euros.

Um pouco antes da manifestação ter arrancado do Martim Moniz, questionado pelo DN se a democracia enfrenta agora novos desafios, Tiago Oliveira respondeu que "a democracia é isto mesmo". "É construída pelo povo, pelos trabalhadores" e é "sempre fruto da luta, sempre fruto de assumirmos a nossa condição enquanto trabalhadores na busca de uma vida melhor". Sobre o 1.º de Maio em concreto, o líder da CGTP vê-o como "um sentimento de esperança relativamente ao futuro".

A manifestação da CGTP, que há 50 anos encheu o antigo Estádio 1.º de Maio, em Alvalade, começou na Praça Martim Moniz e terminou em frente à Fonte Luminosa, como acontece habitualmente. A impor o ritmo daquele desfile de trabalhadores estava Alfredo Fernandes, que aos 96 anos voltou a empunhar uma bandeira de Portugal. Ao DN, ainda disse que traz a bandeira enorme para "engrandecer a manifestação". "O 25 de Abril trouxe-nos a liberdade e é muito importante", lembrou.

À sua frente estavam os jovens do grupo Batucando, com caixas e bombos a chamar as atenções. Atrás, várias centenas de manifestantes com bandeiras da CGTP, da Palestina e dos sindicatos que se juntaram à causa. A contrastar com as outras cores, uma mulher envergava um cartaz a lembrar que "Abril continua em Maio".

vitor.cordeiro@dn.pt

Montenegro saúda produtividade

O primeiro-ministro, Luís Montenegro, afirmou ontem, na rede social X, que se celebrou o 1.º de Maio "com todos os trabalhadores: que produzem, criam e contribuem para um Portugal moderno e ambicioso." Para o governante, "as políticas públicas têm de servir para melhor emprego num país mais produtivo e socialmente responsável, com menos impostos e mais rendimentos."

"Os leques salariais obrigariam a que um presidente, para se pagar a si mesmo um salário milionário, pode fazê-lo, mas tem de subir os salários de todos os trabalhadores dessa empresa."

Maraiana Mortágua
Coordenadora do BE

"Falta fazer muito, e falta, desde logo, fazer uma coisa que foi um elemento central de Abril, que foi a Justiça Social."

Paulo Raimundo
Secretário-geral do PCP

"É imperioso prosseguir e intensificar a luta, porque é urgente uma rutura, uma real mudança, que coloque o país a produzir e a crescer."

Tiago Oliveira
Secretário-geral da CGTP

"Está prevista uma reunião da Concertação Social para dia 7 e os sinais que temos recebido pelas declarações feitas pelos membros do Governo não são muito animadores."

Mário Mourão
Secretário-geral da UGT

UGT vê "sinais pouco animadores" no Governo e recusa liberalizar despedimentos

DIREITOS Mário Mourão, secretário-geral da central sindical, defendeu que deve ser feito um "combate contínuo" à precariedade, que sobretudo "atinge os mais jovens".

O secretário-geral da UGT, Mário Mourão, afirmou, em Vila Real, que os sinais que chegam do Governo da AD "não são muito animadores" e recusa a ideia de liberalizar despedimentos.

À Lusa, antes dos comícios da celebração pela central sindical das comemorações do *Dia do Trabalhador* em Vila Real, Mário Mourão considerou que as conversações em sede de Concertação Social devem começar no ponto onde pararam e "apontar ao futuro e não ao passado". "Está prevista uma reunião da Concertação Social para dia 7 [de maio] e os sinais que temos recebido pelas declarações feitas pelos membros do Governo não são muito animadores", disse.

Mourão prosseguiu com perguntas que tocam o que considera serem os pontos essenciais no regresso às negociações: "Faz hoje [ontem] um ano que a *Agenda do Trabalho Digno* entrou em vigor. É para piorar ou para melhorar? Queremos fixar jovens com uma legislação que não dá condições de estabilidade aos trabalhadores? Como é que nós queremos fazer?".

A recente admissão pelo Governo de "que o problema da precariedade se resolve com a flexibilização dos despedimentos", não é, sequer, cenário para o dirigente sindical. "Provavelmente resolve-se. Os precários vão para o desemprego e deixam de ser precários. Esta não é a solução de que a UGT comunga. Temos aqui uma grande divergência sobre a forma como se combate a precariedade em Portugal", destacou Mário Mourão.

O líder da UGT defende um "combate contínuo" à precariedade, recordando que ela "atinge os mais jovens", e que deve ser por aí que terão de "dirigir o combate certo, criando melhores condições para que esses jovens se fixem e se sintam seguros no seu país".

Questionando se os sinais do Governo podem deixar mais confortáveis as confederações patronais, Mário Mourão avançou com uma novidade: "Das conversas que tenho tido com os meus congéneres das confederações patronais, todos eles, com exceção de um, me têm dito, que temos um acordo de médio prazo, que foi assumido pelo Governo, e sempre que chega um novo Governo não podemos começar do zero".

"Os compromissos que foram assumidos têm de ser a base de uma negociação para construirmos um novo acordo", reforçou. "O acordo prevê que, face aquilo que são os indicadores, possa ir evoluindo e ser melhorado. Já se fez isso com o reforço do acordo no final do ano passado, passando de 810 euros, como estava previsto de Salário Mínimo Nacional, para 820 euros". "Havia condições para ir mais além do que aquilo que estava acordado, uma cláusula de salvaguarda que prevê a que, a todo o momento, os parceiros se possam sentar para melhorar aquilo que for possível do acordo, mas também para as empresas", enfatizou.

Sobre a opção por Vila Real para a comemoração, Mário Mourão afirmou que se justifica "para dar voz às pessoas e associações do interior do país" ao mesmo tempo que "pede a valorização dos salários", com atenção ao "crescimento do salário médio (…) para que tenha o mesmo crescimento do salário mínimo".

DN/LUSA

NUNO PINTO FERNANDES / GLOBAL IMAGENS

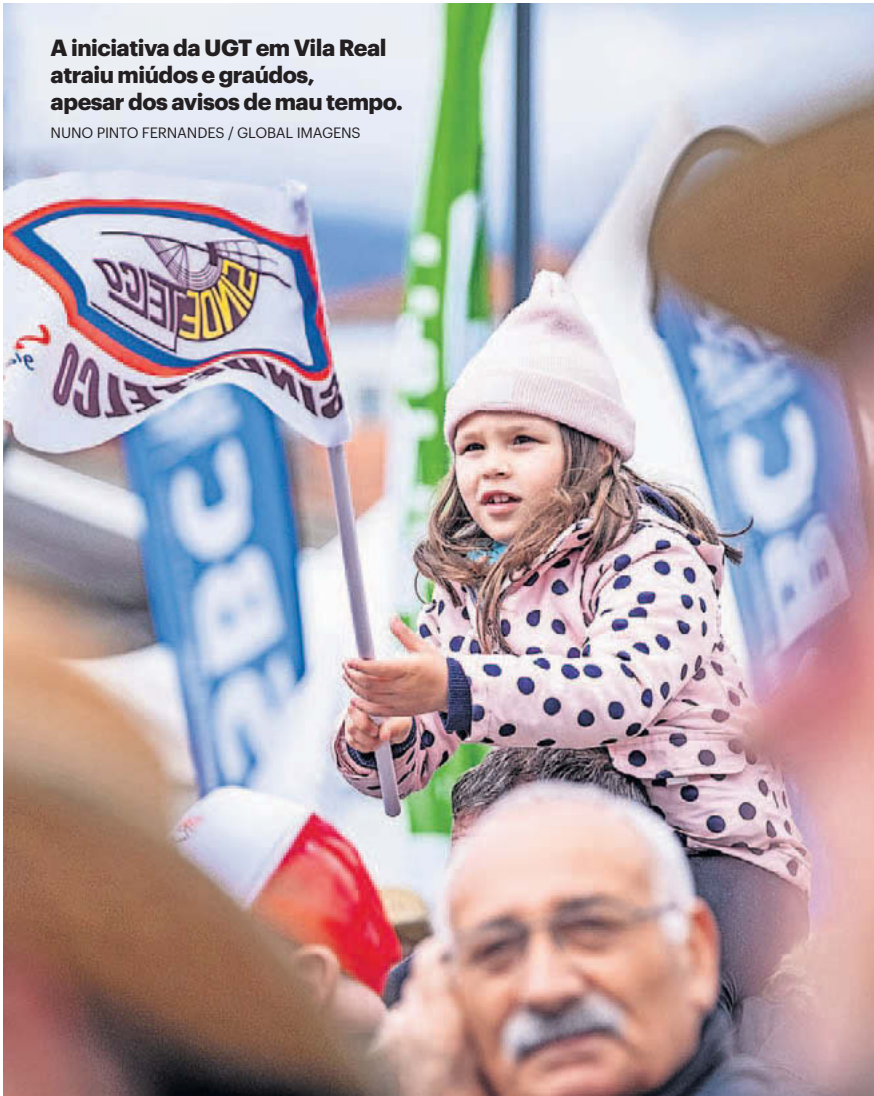
A UGT escolheu Vila Real, em Trás-os-Montes, para assinalar o 1.º de Maio.

EM PORTUGAL

O secretário-geral da CGTP foi eleito em fevereiro. Estreou-se ontem num 1.º de Maio enquanto líder sindical.
PAULO ALEXANDRINO / GLOBAL IMAGENS

CGTP e UGT dividiram-se entre Lisboa, Porto e Vila Real

De norte a sul do país, as duas maiores centrais sindicais (a CGTP e a UGT) assinalaram o 1.º de Maio como de costume, com arruadas e discursos. Em Lisboa, a CGTP fez o tradicional desfile desde o Martim Moniz até à Alameda D. Afonso Henriques. Aí, o recém-eleito Tiago Oliveira deixou críticas ao Governo, que acusou de ser "dos grupos económicos". Declarando ter "muito caminho pela frente e para trilhar", o líder sindical disse ainda que cabe a cada um, "em cada empresa, em cada local de trabalho" lutar por uma vida melhor. Na capital, vários dirigentes políticos (de PS, BE, PCP, Livre e PAN) estiveram presentes na marcha. No Porto, a CGTP fez também um desfile, na Avenida dos Aliados. Já a UGT decidiu assinalar a data em Vila Real, com a presença do líder Mário Mourão, onde estiveram cerca de 250 trabalhadores, apesar dos avisos de mau tempo para a região. No seu discurso, o secretário-geral da UGT disse ver "sinais pouco animadores" do Governo e recusou liberalizar os despedimentos.

Em Lisboa, centenas de pessoas juntaram-se na marcha que percorreu a Av. Almirante Reis.
PAULO ALEXANDRINO / GLOBAL IMAGENS

A iniciativa da UGT em Vila Real atraiu miúdos e graúdos, apesar dos avisos de mau tempo.
NUNO PINTO FERNANDES / GLOBAL IMAGENS

Na Alameda D. Afonso Henriques, houve momentos culturais e de descontração.
PAULO ALEXANDRINO / GLOBAL IMAGENS

A CGTP escolheu a Avenida dos Aliados, no Porto, para assinalar o 1.º de Maio.
CARLOS CARNEIRO / GLOBAL IMAGENS

Tal como em Lisboa, também no Porto houve um desfile, utilizado para deixar várias mensagens políticas.
CARLOS CARNEIRO / GLOBAL IMAGENS

Vários participantes assistem às intervenções da CGTP, no Porto.
CARLOS CARNEIRO / GLOBAL IMAGENS

LÁ FORA

Moscovitas juntaram-se no Parque da Vitória, onde estão expostos 30 carros e outro material de combate capturados às Forças Armadas da Ucrânia.
EPA / YURI KOCHETKOV

Em França, as forças policiais responderam com gás lacrimogéneo e cargas contra os manifestantes violentos.
EPA / TERESA SUAREZ

De Moscovo a Cuba: tanques, protestos e confrontos

Palco de um dos mais icónicos desfiles do *Dia do Trabalhador* a nível mundial, Moscovo teve como atração *Leopards*, *Saxons* e outros blindados de fabrico estrangeiro capturados na Ucrânia. Em França, confrontos entre líderes de forças de esquerda marcaram as primeiras manifestações do 1.º de Maio. Também em Istambul, pelo menos 210 pessoas foram detidas por violarem a "ordem pública". E em Cuba, milhares juntaram-se em Havana no meio de uma das maiores crises económicas em décadas.

Manifestante reage a polícias que tentam impedir acesso à Praça Taksim, em Istambul.
EPA / TOLGA BOZOGLU

Pelo segundo ano, a festa do 1.º de Maio em Cuba decorreu na Tribuna Anti-Imperialista em vez da Praça da Revolução.
EPA / ERNESTO MASTRASCUSA

Marcelo visita Tarrafal e pede "cuidados permanentes" em defesa da democracia

MEMÓRIA Na cerimónia evocativa dos 50 anos da libertação do Campo de Trabalhos Forçados, Marcelo Rebelo de Sousa deixou um "grande desafio": garantir que no futuro não haja mais "campos de morte lenta", mas sim "liberdade".

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

O povo português "assume em plenitude a rejeição" do passado ligado ao Campo de Concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, e abraça "a construção de um futuro diferente". É este "o sinal da presença, em nome de Portugal", que Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República, deixou durante a visita que fez ao Tarrafal, assinalando os 50 anos da libertação daquela antiga prisão do Estado Novo.

Visitando o campo, ao lado dos presidentes de Cabo Verde (José Maria das Neves) e da Guiné-Bissau (Umaro Sissoco Embaló), bem como do ministro da Defesa angolano (João Ernesto dos Santos), o chefe de Estado português considerou importante não deixar cair no esquecimento aquilo que ali se passou no antigo regime. É esse o "grande desafio": garantir que os "jovens de hoje e os de amanhã" possam saber o que "devem rejeitar sempre". Esse futuro quer-se "de liberdade, onde não caibam campos de morte lenta", disse numa referência a um dos nomes pelo qual o Tarrafal era conhecido ("Campo da Morte Lenta").

Marcelo Rebelo de Sousa recordou também que o Campo de Concentração (criado em 1936) foi "inspirado nas mais sanguinárias ditaduras europeias" de então. Um lugar onde presos políticos "sofreram e morreram às mãos do que começou por ser uma ditadura portuguesa para os portugueses", mas que depois se tornou "numa ditadura imperial colonial", que reprimiu também "os irmãos angolanos, guineenses e cabo-verdianos". Com o campo agora transformado em museu, o Presidente manifestou o desejo de o querer "vivo" e reiterou: "Não há confusão possível entre opressão e liberdade, ditadura e democracia."

Destacando ainda que "hoje são novos os desafios e horizontes, numa conjuntura mundial cada vez mais complicada", Marcelo Rebelo de Sousa apelou a que se reforce a democracia. Preservá-la requer "cuidados permanentes", para que "nunca mais se fale de campos de concentração".

Durante a visita, Marcelo e os representantes das ex-colónias descerraram uma placa evocativa dos 50 anos da libertação do campo. Presentes estiveram 22 antigos presos políticos da segunda fase do Tarrafal (destinada a oprimir anticolonialistas). Um deles, Luís Fonseca, que foi secretário-executivo da CPLP entre 2004 e 2008, recordou a prisão.

Pretendia, segundo disse, fazer desaparecer os ideais de liberdade. Mas acabou por resultar em solidariedade, pensamento, poesia e até canções sobre o tema. Para que não haja mais "tarrafais" é importante que os mais novos visitem o antigo campo, agora transformado em Museu da Resistência.

Ali, estiveram presas mais de 500 pessoas. Na primeira fase do campo (que prendia figuras antirregime), morreram 36 pessoas (32 dos quais portugueses que contestavam o Estado Novo). Encerrado em 1956, o Tarrafal viria a reabrir passados seis anos (em 1962), altura em que passou a prender anticolonialistas angolanos, guineenses e cabo-verdianos. Quatro (dois angolanos e outros tantos guineenses) morreram ali. Com o 25 de Abril, aconteceu a libertação do campo e dos presos políticos.

FOTOS: NUNO VEIGA / LUSA

Os altos representantes de Portugal, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Angola prestaram homenagem aos mortos no Tarrafal, 50 anos após a libertação dos presos.

Reparações às colónias voltaram a ser referidas

Na véspera, Marcelo Rebelo de Sousa voltara ao tema das reparações históricas ligadas ao colonialismo, que defendeu e que causou polémica, sobretudo à direita. O Chega apresentou mesmo um voto de condenação contra o Presidente, que acusou de "trair a pátria".

Na cidade da Praia, em Cabo Verde, Marcelo considerou "evidente" estar em sintonia com o Governo sobre o tema. Em comunicado, o Executivo rejeitou fazer qualquer reparação pelo passado colonial, frisando que "não esteve, e não está, em causa nenhum processo ou programa de ações específicas" com essa intenção. A estratégia é seguir a linha de Governos anteriores, apostando em "gestos e programas de cooperação de reconhecimento da verdade histórica com isenção e imparcialidade".

Confrontado com isto, o Presidente disse ainda que o Governo tem "toda a razão em fazer um comunicado" sobre o assunto. "O apoio" que é dado, "a cooperação e as parcerias" entre países já representam uma reparação, que "está a ser e vai continuar a ser feita", concordou Marcelo Rebelo de Sousa. Argumentou ainda que esta é "uma ideia antiga" e que "ao longo destes 50 anos" tem sido frutífera.

O Presidente recusou ainda voltar atrás nas palavras. Foi um erro ter sugerido estas reparações? "Limitei-me a repetir o que disse na Assembleia da República." E aceitou também as críticas, que disse serem algo inerente à democracia. "Estive 50 anos a comentar toda a gente e todos os factos da vida portuguesa. Como posso deixar de aceitar todas as críticas vindas de todas as pessoas?", questionou.

rui.godinho@dn.pt

As portagens nas SCUT já originaram vários protestos em todo o país.

MIGUEL PEREIRA DA SILVA / LUSA

Fim das portagens nas ex-SCUT discutido no Parlamento. Desfecho é incógnita

AUTOESTRADAS Há vários diplomas a ir a plenário sobre este tema. Não se sabe, no entanto, se algum será viabilizado.

O fim das portagens em autoestradas ex-SCUT é discutido hoje no Parlamento, um agendamento do PS que considera a sua proposta "exequível, justa e oportuna", estando em aberto as votações das iniciativas dos diferentes partidos.

Ao projeto de lei do PS – que tinha sido anunciado pelo líder, Pedro Nuno Santos, durante o debate do Programa do Governo de Luís Montenegro no início de abril – juntaram-se os de BE e PCP e ainda os projetos de resolução (sem força de lei) de IL, PSD/CDS-PP, PAN e Chega.

Com a atual geometria da Assembleia da República e com os partidos a não adiantar ainda à Lusa qual será o sentido de voto nas diferentes iniciativas, o desfecho destas votações é ainda uma incógnita. Se forem aprovados, os projetos passam depois à especialidade, na 6.ª comissão (Economia).

Em declarações à Lusa, a deputada do PS Isabel Ferreira defendeu que os socialistas têm "sido coerentes no compromisso com a redução gradual nas taxas de portagem até à sua eliminação". "Fizemos em 2021 um desconto de quantidade de 25% logo em janeiro, depois em julho de 2021 uma redução de 50% e agora, desde janeiro deste ano, uma redução de 65%", recordou, referindo-se à governação do PS que integrou como secretária de Estado do Desenvolvimento Regional.

O "esforço adicional" para que as portagens sejam agora eliminadas na totalidade, de acordo com Isabel Ferreira, tem uma "perspetiva de coesão territorial, porque reduz encargos de quem não tem alternativa e também permite proporcionar o acesso devido a bens e serviços essenciais".

A proposta do PS pretende terminar com as portagens na A4 – Transmontana e Túnel do Marão, A13 e A13-1 – Pinhal Interior, A22 – Algarve, A23 – Beira Interior, A24 – Interior Norte, A25 – Beiras Litoral e Alta, e A28 – Minho, nos troços entre Esposende e Antas e entre Neiva e Darque. Esta era "uma medida que constava" do programa eleitoral socialista.

Confrontada com o facto de o PS, então com maioria absoluta, ter chumbado em 2023 projetos do PSD, Chega e PCP para acabar com o pagamento de portagens, Isabel Ferreira explicou que, então, o Governo estava "num processo ainda de redução gradual das portagens, com um grupo de trabalho criado para estudar essa diminuição de custos de contexto associados às questões da mobilidade e da descarbonização".

Na mesma linha e apenas com algumas diferenças nas vias abrangidas estão os projetos de lei do BE e PCP. Os bloquistas pretendem eliminar as portagens para as autoestradas de acesso às regiões do interior (A22, A23, A24, A25, A28, A29, A41, A42) e os comunistas querem abolir este pagamento na A4, A13, A22, A23, A24, A25, A28, A29, A41 e A42.

Já os partidos do Governo, PSD e CDS-PP, juntaram-se num projeto de resolução que recomenda a redução gradual e financeiramente responsável de portagens no interior e nas grandes áreas metropolitanas, pretendendo que o Executivo apresente ao Parlamento os custos envolvidos com a adoção desta medida e um estudo que fixe os valores-base que acautelem os custos de manutenção das vias".

Também sem força de lei, o Chega leva ao debate um projeto de resolução que prevê a implementação de um plano gradual de isenção do pagamento de portagens, enquanto a IL recomenda ao Governo que avalie o custo-benefício de isentar de portagens as antigas SCUT e o PAN sugere a renegociação dos contratos de parcerias público-privadas do setor rodoviário.

DN/LUSA

Opinião
Pedro Marques

Democracia e justiça na Ibéria

Há seis meses dissolveu-se um Governo e uma maioria absoluta em Portugal. A grave razão de tal momento inédito da nossa democracia: um comunicado da Procuradoria-Geral da República, que criava suspeitas sobre um primeiro-ministro. António Costa quis dar o exemplo, proteger a democracia. E o resto da história é bem conhecida.

Casos em que políticos em funções foram sendo indiciados de crimes, com muitas violações do segredo de Justiça, para acabarem totalmente ilibados, já tínhamos tido muitos. Com consequências tão graves e influência direta no curso da democracia, ainda não.

Agora foi a vez de Espanha. O recentemente formado Governo espanhol esteve à beira de cair, devido a acusações vindas da extrema-direita, dirigidas à mulher do presidente do Governo. O sistema de justiça tratou de prosseguir com tais acusações, e Sánchez esteve à beira da demissão, por não suportar o enxovalhamento dos seus mais próximos. Felizmente, encontrou as forças para não se deixar derrotar, e assim preservar a vontade popular, a democracia.

Entretanto, ao que tudo indica, as acusações devem ser arquivadas por total falta de provas. Mas Espanha esteve, como Portugal, à beira de um volte-face de consequências imprevisíveis para a democracia.

Como estabelecer regras de conduta que protejam as democracias? Em tempos de tanta mediatização, e tanta comunicação direta com os cidadãos, cada um destes casos é aproveitado pelos populistas para destruir um pouco mais as bases da democracia.

Quando os políticos são indiciados, é o espetáculo do "são todos corruptos". Quando as acusações caem por não terem qualquer base verosímil, é o "os poderosos safam-se sempre".

E a extrema-direita populista vai crescendo perigosamente. A cada episódio mais grave, promete-se uma reflexão aturada, mas acaba-se sempre por aprovar umas leis avulsas que virão a limitar ainda mais o exercício da democracia.

Tudo se vai tornando crime na letra da lei, ou aos olhos de quem interpreta depois as normas legais.

E o problema não é que se investiguem todos os possíveis casos de corrupção, tráfico de influências, ou prevaricação. O interesse público assim determina. O problema é quando a mediatização sistemática de tais investigações, a divulgação parcial de elementos, a condenação na praça pública, minam a democracia.

Respeitar os prazos de inquérito, para que as vidas não fiquem anos em suspenso (e a reputação dos afetados irremediavelmente destruída), ou investigar o desrespeito do segredo de Justiça, ou um procurador-geral da República que assuma realmente as suas competências e as suas responsabilidades, eis algumas possibilidades a equacionar.

Agora terá começado esta tática de atingir os familiares dos políticos para lhes retirar ânimo, para os derrubar. Só posso imaginar o que sentiria se também os meus fossem levados ao pelourinho, só porque eu escolhi o serviço público...

Conto-me entre os que não se espantaram que o núcleo duro do novo Governo em Portugal tenha sido constituído por políticos profissionais da São Caetano à Lapa, mesmo depois de oito anos de oposição do PSD. Basta passar umas semanas no turbilhão mediático da política nacional para perceber por que é cada vez mais difícil trazer gente nova à política (a não ser que se vá mesmo recrutar gente muito nova e bem-falante, mas com pouco ou nenhum currículo).

Dignidade para a democracia, precisa-se. E uma separação de poderes levada a sério por todos, para todos.

Eurodeputado

18 VALORES

Comemorações do 25 de Abril

A enorme mobilização mostrou que os valores de Abril estão bem vivos na nossa sociedade. Os portugueses são democratas e o 25 de Abril é a nossa data. Lamenta-se apenas o divisionismo de quem, para desvalorizar Abril, escolheu este momento para anunciar as comemorações do 25 de novembro – ainda para mais num congresso partidário. Inédito e revelador.

Uma em cada 100 crianças em idade escolar tem autismo

EDUCAÇÃO Professores e técnicos especializados nas escolas têm um papel fundamental na educação de crianças com autismo. Estimativas em Portugal apontam para 1% de incidência de autismo nas crianças em idade escolar. Há escolas com as valências necessárias, mas a maioria sofre com falta de recursos humanos.

TEXTO **CYNTHIA VALENTE**

Joana (nome fictício), 6 anos, aluna do 1.º ano do Colégio Efanor, em Matosinhos, não fala, mas consegue comunicar com colegas e professores através da comunicação aumentativa, usando símbolos, que tanto servem para indicar que precisa de algo, como para explicar o que sente ou o que quer que se faça num determinado momento da aula. Na sala, para além da professora titular, Joana conta com uma tutora e com o apoio dos outros colegas de turma, que não a veem como uma criança diferente. "Somos todos iguais e todos diferentes. Por exemplo, eu tenho óculos e o meu amigo não tem. Eu tenho o cabelo comprido e a minha amiga não tem", explicou uma das alunas numa aula onde o DN esteve presente.

Nessa mesma aula, o grupo recebeu a visita da psicóloga Patrícia Barros, responsável por implementar estratégias para que a inclusão da pequena Joana seja feita de uma forma tranquila e eficaz.

Gwen Vieira, a professora titular, sublinha a importância do papel dos terapeutas e das outras crianças na vida de Joana. "Todos usamos os mesmos símbolos e estamos a desenvolver a comunicação aumentativa. A ideia é que todas as crianças tenham a mesma simbologia para que possam comunicar", explica.

A docente garante que Joana é uma menina feliz, está perfeitamente integrada na turma e que "todos a aceitam bem, brincam juntos nos intervalos e procuram-na muito". Essa integração, garante, é benéfica não apenas para Joana, mas "para todas as crianças da turma". "O contacto com as diferenças mais acentuadas também leva os mais pequenos a incentivar a restante comunidade escolar para a aceitação, a empatia e a tolerância", conclui.

Para além da psicóloga que visita a turma, há toda uma equipa multidisciplinar que acompanha a aluna, composta por uma professora de Educação Especial, uma terapeuta da fala e uma tutora. Essas equipas multidisciplinares fazem parte da maioria das escolas públicas e privadas.

Os dados mais recentes divulgados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) referem que uma em cada 100 crianças em idade escolar tem Perturbação do Espetro do Autismo (PEA). Uma realidade que não é diferente em Portugal, embora o último estudo feito no nosso país date de 2005. Ao DN, Fernando Campilho, presidente da Federação Portuguesa de Autismo (FPA), diz estimar que 1% das crianças em Portugal sofram de PEA.

"Em Portugal não há números fiáveis, mas nós estamos a recorrer aos números internacionais. Por exemplo, há um estudo científico americano que concluiu que 1 em cada 36 crianças tem espetro do autismo. Nós estimamos que, em Portugal, seja de 1%, ou seja, 1 em cada 100", sublinha.

Segundo o Governo, no início deste ano letivo estavam matriculadas em Portugal 1,3 milhões de crianças e jovens no Ensino Básico e Secundário, no ensino público e privado – se 1% tiver espetro do autismo, falamos de 13 mil alunos.

Com o último estudo com dados desatualizados, o responsável salienta a necessidade de voltar a analisar a realidade portuguesa. "Um novo estudo deveria ser feito, mas ter um estudo sério não é barato, nem fácil. A verdade é que os casos têm aumentado ao longo dos últimos 30 anos e era necessário conhecermos a nossa realidade para desenvolvermos um trabalho mais eficaz", lamenta.

> "Um novo estudo deveria ser feito, mas ter um estudo sério não é barato, nem fácil. A verdade é que os casos aumentaram nos últimos 30 anos e era necessário conhecermos a nossa realidade para desenvolvermos um trabalho mais eficaz", diz Fernando Campilho, presidente da Federação Portuguesa de Autismo.

E é devido ao aumento de casos de PEA que o papel dos terapeutas e do acompanhamento em ambiente escolar ganha cada vez mais importância. "É essencial o papel do terapeuta. Não apenas de um profissional, uma vez que nenhuma intervenção que vá abordar uma área isolada do desenvolvimento vai atingir as questões do Autismo. Apesar de o Autismo envolver áreas centrais, como a interação e a comunicação social, "há um conjunto de campos do desenvolvimento implicado primária ou secundariamente, como as questões sensoriais, motoras, atencionais, cognitivas e emocionais", explica Patrícia Barros.

A psicóloga salienta ainda a necessidade de intervenção precoce, envolvendo o trabalho transdisciplinar. " Esse trabalho, que integra numa mesma intervenção diversos olhares que se entrelaçam, favorece o desenvolvimento da criança de forma holística, integrando diversas áreas do desenvolvimento no espaço escolar", refere.

As crianças com PEA têm necessidades diferentes, pois os graus de autismo podem ir de leve a grave, necessitando de diferentes tipos de intervenção. No caso de Joana, o papel da terapeuta da fala é essencial para o seu desenvolvimento, como explica Mariana Dias, a profissional que a acompanha.

"As crianças com Perturbação do Espetro do Autismo apresentam dificuldades persistentes nos pilares da comunicação, especialmente aqueles relacionados com a interação social. Estas dificuldades incluem competências limitadas na integração da comunicação verbal e não-verbal, ao nível do contacto visual, estabelecimento de atenção conjunta, trocas de turnos e funções comunicativas, expressões faciais, gestos como suporte para a comunicação, alterações na prosódia e ainda impasses no planeamento motor para a produção de sons da fala", revela.

A terapeuta salienta que "estas dificuldades comunicativas trazem implicações para a compreensão e expressão da linguagem". "É importante ressaltar que o nível de competência comunicativa alcançado pelas crianças com PEA é um dos principais preditores para um bom prognóstico a médio e longo prazo", alerta.

Já Telma Pereira, tutora e assistente terapêutica de Joana, é quem mais tempo passa com a criança em sala de aula, estando presente na quase totalidade das atividades letivas. Questionada pelo DN se esse apoio deveria ser realizado em todas as escolas, a profissional revela poder não ser necessário em todos os casos. "Acredito que seria redutor ter um sistema de apoio universal para todas as crianças autistas. As necessidades e características individuais variam muito dentro do espetro do autismo, por isso, esta intervenção deverá ser fundamentada por uma avaliação profissional rigorosa. Assim, o meu papel enquanto assistente terapêutica é personalizado para a aluna, tendo em conta as suas necessidades específicas. Sou a responsável pela prática das estratégias e adaptações curriculares dentro dos espaços da escola", adianta.

Contudo, embora a metodologia deva adaptar-se caso a caso, Telma Pereira defende o direito de todas as crianças "a um ensino de qualidade e apoios individualizados, que não só os ajudem a alcançar o seu pleno potencial, mas também respeitem as suas singularidades".

Baixos níveis de literacia da comunidade escolar

Telma Pereira, tutora e assistente terapêutica, enfrenta muitos desafios no acompanhamento de crianças diagnosticadas com PEA. Um deles é o "baixo nível de literacia da comunidade escolar, em relação ao autismo".

"Isso faz com que sejam colocados desafios a estas crianças, que ultrapassam ou até minimizam as suas capacidades. Por exemplo, não se pediria a alguém que utiliza cadeira de rodas para correr. No entanto, como o autismo apresenta características diversificadas e, em alguns casos, não tão evidenciadas, estas crianças deparam-se com demandas muitas vezes desalinhadas com as suas características", esclarece.

Segundo a terapeuta, quem lida com crianças com PEA, "quando as exigências são desproporcionais, a resposta também é menos consistente e, portanto, pode haver frustração por parte do profissional". "Por essa razão, é fundamental não apenas ter um profissional individualizado, mas também um professor de classe que seja preparado e formado para identificar com clareza e agir consoante os diversos perfis das crianças autistas", afirma.

Telma Pereira apresenta ainda a realidade das escolas, onde "é cada vez maior a quantidade de crianças autistas em sala de aulas e mais complexo o desafio da inclusão". "Acreditamos que só um esforço conjunto e o conhecimento aprofundado das características e técnicas de intervenção podem ampliar o desenvolvimento dessas crianças bem como melhorar a qualidade do trabalho e o bem-estar também dos professores", diz.

Segundo a terapeuta, outro dos desafios reside "na verdadeira inclusão da criança, indo além da sua presença nas atividades escolares e facilitando a sua real participação nas mesmas". E para que se possa potenciar uma evolução na qualidade de vida das crianças, frisa, "é

PEDRO GRANADEIRO / GLOBAL IMAGENS

No Colégio Efanor, em Matosinhos, aluna com PEA é acompanhada por uma equipa multidisciplinar.

CARLOS CARNEIRO / GLOBAL IMAGENS

Agrupamento de Escolas Eugénio de Andrade, no Porto, tem um espaço dedicado a estes alunos.

fundamental fazer transformações e acomodações para criar um ambiente de plena inclusão".

"Escola de afetos" é um caso de sucesso

Uma sala livre de estímulos excessivos que possam sobrecarregar os sentidos das crianças com autismo, um espaço com cores suaves e iluminação adequada, um ambiente dividido em zonas específicas para diferentes tipos de atividades, com áreas de jogo sensorial, áreas de relaxamento, áreas de aprendizagem e áreas de comunicação, uma variedade de recursos, como almofadas de texturas diferentes, zonas de autorregulação para acalmar as crianças – com baloiços que simulam ninhos –, brinquedos sensoriais e materiais táteis. Este é o espaço criado de raiz pela Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva (EMAEI), em setembro de 2023, no Agrupamento de Escolas Eugénio de Andrade, no Porto. A valência conta ainda com quadros de rotina, calendários visuais, cartões de comunicação e etiquetas com imagens para facilitar a compreensão e até uma cozinha adaptada. As crianças do agrupamento contam ainda com cinoterapia (uma atividade que utiliza o cão como facilitador no processo terapêutico), musicoterapia e atividades lúdicas adaptadas.

Tudo foi pensado ao pormenor por Sónia Cruzeiro, coordenadora da EMAEI. Um sonho tornado realidade depois de três anos de aumento sucessivo de matrículas de alunos com PEA e uma vontade de fazer mais pelas crianças do agrupamento.

"Esta valência era um sonho para mim porque considerava que esta era a resposta necessária e adequada para as crianças", conta emocionada, ao DN, Sónia Cruzeiro. A luta da coordenadora surtiu efeito, conseguindo a aprovação do Ministério da Educação e o apoio da Câmara Municipal do Porto. O agrupamento que era já uma referência na educação bilíngue para alunos surdos viu assim nascer uma valência onde há todos os recursos para potenciar as capacidades das crianças, embora Sónia Cruzeiro queira mais.

"Custa-me dizer que não tenho vagas quando os pais nos procuram e estão emocionalmente frágeis", confessa. Nos últimos anos, conta, a escola registou um acréscimo acentuado de crianças com PEA e os pedidos de inscrições e de reuniões com pais fazem antever o mesmo cenário para o próximo ano letivo. "Já fiz quatro reuniões com pais que querem inscrever os filhos na escola, pois sabem que aqui temos as melhores condições para os receber", revela.

Sónia Cruzeiro quer, por isso, fazer crescer a valência para "conseguir dar resposta a todos". "O nosso sonho é conseguir alargar aos outros ciclos, pois neste momento estamos a trabalhar apenas com crianças do 1.º. Queremos alargar e replicar o que estamos a fazer", afirma.

A equipa é composta por duas professoras de Educação Especial, duas terapeutas da fala, uma terapeuta ocupacional, um professor de Educação Física Adaptada e um intérprete de Língua Gestual Portuguesa. Uma equipa alargada de especialistas para apoiar as 22 crianças do agrupamento.

Contudo, o propósito não é manter os alunos confinados no mesmo espaço. "O objetivo não é tirá-los das salas de aula, mas ter este apoio num espaço próprio onde possam potenciar as suas capacidades", conta. Uma estratégia que tem surtido efeito nos poucos meses de existência da valência.

A articulação entre a equipa da EMAEI e os professores titulares das turmas em que as crianças estão inseridas permite dar continuidade ao trabalho da equipa em sala de aula. E as crianças, garante Sónia Cruzeiro, são felizes.

"O mais gratificante é ver a alegria com que chegam à escola e a tranquilidade dos pais quando nos entregam os filhos. Há pequenas conquistas a cada semana que passa", acrescenta Carolina Ribeiro, terapeuta da fala. Conhecida como "uma escola de afetos", Sónia Cruzeiro defende que a disponibilidade emocional e o trabalho com amor que a equipa realiza na instituição de ensino é o segredo para que as crianças com PEA sejam felizes e para que possam vir a ser cidadãos autónomos.

Faltam recursos para alunos do Ensino Especial

Os casos de sucesso das escolas visitadas pelo DN não refletem a realidade da maior das instituições de ensino em Portugal. A Federação Nacional dos Professores levou a cabo um estudo, no decorrer do 1.º período, num universo que corresponde a 10% dos agrupamentos de escolas e escolas não-agrupadas do continente, questionando os diretores escolares sobre a Educação Inclusiva. O resultado mostrou que 83% dos diretores dos agrupamentos de escolas (AE) e das escolas não-agrupadas (ENA) afirmaram não ter os recursos necessários para uma "educação verdadeiramente inclusiva". Filinto Lima, presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas, tem alertado sucessivamente para essa problemática, afirmando que "a Educação Inclusiva é o parente pobre da Educação" e pedindo mais investimento em recursos humanos e na formação dos assistentes operacionais.

Como explicar o aumento de casos

Patrícia Barros, especializada em problemas de desenvolvimento de crianças e adolescentes e investigadora na Universidade do Minho, apresenta várias justificações para o aumento da incidência de PEA, mas admite não haver uma resposta unânime sobre o tema. "Existem algumas possíveis hipóteses, como os avanços na expansão da informação e do diagnóstico do autismo, especialmente os níveis mais subtis, questões genéticas e epigenéticas, variáveis ambientais durante a gravidez e parto como o sofrimento fetal, por exemplo. O Autismo é multifatorial, apesar de se saber que há uma grande participação genética", explica. Já Fernando Campilho, presidente da FPA, acredita que o aumento da incidência de casos passe pela alteração dos critérios de diagnósticos e por "uma maior atenção por parte das famílias".

Os estudantes poderão divertir-se no Vale do Silêncio até dia 4, no *Festival Académico de Lisboa*.

ACÁCIO FRANCO

Acusação de "roubo" marca arranque de festa de estudantes em Lisboa

FESTIVAL O secretário-geral da JS da Madeira é o presidente da Associação Académica de Lisboa que cancelou a Semana Académica em setembro de 2023 e que terá deixado um rasto de dívidas. Distanciando-se, a Federação Académica de Lisboa lança o seu festival nesta quinta-feira.

TEXTO **ISABEL LARANJO**

Começa hoje, 2 de maio, no Vale do Silêncio, nos Olivais, o *Festival Académico de Lisboa*, organizado pela Federação Académica de Lisboa (FAL). O certame, que conta com a atuação de vários artistas, como D.A.M.A., Nininho Vaz Maia, Os Quatro e Meia e, como habitual, Quim Barreiros, prolonga-se até sábado. A organização conta com "cerca de cinco mil pessoas por dia", avança Mariana Barbosa, presidente interina da FAL.

No entanto, a FAL receia ser prejudicada devido ao que aconteceu em setembro do ano passado, quando a *Semana Académica de Lisboa* (SAL) foi cancelada. "A SAL não tem, de todo, a ver connosco. É uma outra organização que a promove e organiza, que é a Associação Académica de Lisboa (AAL).

Sucede que à FAL têm chegado inúmeras reclamações, devido ao cancelamento da SAL. Isto porque a AAL, também na pessoa do seu presidente, Diogo Martinho Henriques (que é também secretário-geral da Juventude Socialista da Madeira), se encontra, alegadamente, incontactável desde então. "Recebemos, todos os dias, contactos de pessoas que não conseguiram a devolução do dinheiro dos bilhetes. Estão desde setembro à espera", revela Mariana Barbosa.

E há mais: "Na altura, na página da *Semana Académica de Lisboa*, deram um contacto que não dava em nada. Ligava-se e ninguém atendia ou dava mesmo como não ligado. Deram um *e-mail*, também nunca ninguém respondeu daquele *e-mail*. Na altura até houve um formulário, que seria para obter o reembolso do bilhete. Mas o aviso foi feito a 15 minutos do fecho do formulário. Ou seja, não deram uma resposta digna às pessoas", prossegue a dirigente da FAL. "Há quem pense que somos os mesmos, mas temos feito uma divulgação nesse sentido, de mostrar a diferença entre os dois eventos e as duas organizações", explica a dirigente da FAL.

> *"Houve um roubo do sistema de bilhética. Tanto os terminais multibanco como o sistema de faturação de bilhética estavam diretamente ligados à conta da organização. As pessoas (...) foram roubadas."*
>
> **Mariana Barbosa**
> *Presidente interina da FAL*

Ainda assim, esta organização teme ser prejudicada, no seu festival. "À primeira vista, o que aconteceu pode impactar o nosso evento. É sempre uma preocupação nossa, desde o início, de nos demarcarmos completamente da outra organização".

A AAL é acusada pela FAL de vários delitos, na sequência do cancelamento da SAL em setembro do ano passado. "Já deve ir em milhares de pessoas, mais de mil pessoas, de certeza, que nos contactaram. Todas as que compraram bilhete ficaram depois sem o festival porque ou os dias foram cancelados, ou os artistas recusaram-se a atuar. Toda a gente ficou prejudicada", acusa Mariana Barbosa.

A presidente interina da FAL vai mais longe: "Houve roubo do sistema de faturação de bilhética. Tanto os POS [terminais multibanco] como o sistema de faturação da bilhética estavam diretamente ligados à conta da organização. As pessoas que forneceram estes serviços foram roubadas diretamente, para além de outros fornecedores, como quem montou o palco e os artistas." Mariana Barbosa avança que o alegado rombo financeiro se situa na casa das "centenas de milhares de euros".

Tendo em conta o cancelamento do outro evento académico [*Semana Académica de Lisboa*], a FAL tenta "construir uma relação de confiança com o público". "Claro que vamos ser um pouco prejudicados, mas estamos a trabalhar para que seja o mínimo possível", refere a presidente interina da FAL.

Secretário-geral da JS Madeira lidera AAL e não dá respostas

Mariana Barbosa garante que desde que a *Semana Académica de Lisboa* foi cancelada, em setembro de 2023, a AAL se tornou "uma estrutura oca. Eles desapareceram completamente. A semana passada houve reunião entre o Ministério da Educação e as várias associações estudantis e eles também não apareceram".

A presidente interina da FAL assume: "Já há bastante tempo que somos nós a representar a Academia, porque a AAL já não está ativa. E, em termos de política educativa, há algum tempo que não fazia um trabalho digno para os estudantes. Neste tipo de reuniões institucionais, e outros eventos do ministério, nunca apareceriam."

O DN tentou confrontar Diogo Martinho Henriques com todas as acusações feitas pela FAL, mas o secretário-geral da JS Madeira e dirigente da AAL nunca atendeu o telefone ou respondeu às mensagens escritas enviadas pelo jornal.

5000

Estimativa A Federação Académica de Lisboa conta receber, por dia, cinco mil pessoas no *Festival Académico de Lisboa*, que decorre entre hoje e o próximo sábado, 4 de maio.

1000

Reclamações A FAL revela que já recebeu mais de mil contactos de espectadores que não foram ressarcidos do valor dos bilhetes do *Semana Académica de Lisboa*, cancelada em setembro.

Este novo abrigo, em Benfica, está equipado com painel indicativo de tempo de espera.

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

Lisboa. Só 60 dos 2000 novos abrigos terão painéis com tempo de espera

TRANSPORTES A CML mandou substituir os cerca de dois mil abrigos nas paragens de transportes públicos. Só 60 indicam tempos de espera.

TEXTO **ISABEL LARANJO**

Há várias semanas que os abrigos das paragens de transportes públicos em Lisboa, sobretudo autocarros, têm estado a ser substituídos. Em muitos locais, os buracos já deram origem aos novos abrigos, encomendados pela Câmara Municipal de Lisboa, mais modernos e com assentos mais confortáveis, em metal. "No âmbito dos anteriores contratos de concessão (celebrado em 1995 com a Cemark e JCDEcaux) existiam cerca de 1750 abrigos. O contrato que está agora a ser implementado prevê a instalação até dois mil abrigos", refere o município, questionado pelo DN.

O que irá continuar a escassear são os painéis automáticos com informação dos tempos de espera, pelos autocarros ou elétricos. "O contrato (...) prevê a colocação de painéis indicativos de tempo de espera em 60 abrigos", esclarece a CML. Muito pouco, tendo em conta a dimensão da cidade e o número de abrigos: dois mil. "Está neste momento em avaliação a expansão deste sistema para um número superior", adianta ainda o município, ao DN.

Nas paragens já existe um sistema, o *SMS Carris*, que permite saber o tempo de espera, através do envio de uma mensagem de texto para o número 3599, com o número atribuído à paragem e que está indicado na bandeira onde constam os números das carreiras que ali efetuam paragem. Depois é só esperar e receber a resposta, também por SMS. Só que este sistema é "muito falível".

"Acontece mandar mensagem, surgem os tempos de espera para os vários autocarros que passam naquela paragem, e quando chega à hora indicada não passa qualquer autocarro. Volta a enviar-se mensagem e o tempo de espera já foi alterado", diz Mariana Rodrigues, 49 anos, utente da Carris. Painéis indicativos com os tempos de espera, segundo esta utente, "são poucos". "E acontece o mesmo que com o *SMS Carris* – muitas vezes está indicado um certo tempo de espera e não se concretiza".

Apesar de haver cerca de duas mil, espalhadas pela capital, ainda há muitas paragens sem abrigos, nem bancos. "A seleção dos locais para a colocação de abrigos nas paragens de transportes públicos segue uma análise cuidadosa e estudo das condições específicas de cada local", começa por explicar a autarquia. "Diversos fatores foram tidos em linha de conta, entre eles e em primeiro lugar a existência de passeio que permita a instalação do abrigo. Existem inúmeras paragens onde os passeios são demasiado estreitos e impossibilitam a sua instalação. Nessas situações é colocada uma estrutura menor, como um postalete com a informação necessária ao utilizador. Outro critério, por exemplo, é o da utilização e permanência na paragem, como é caso das paragens de final de carreira/percurso, onde não existem tempos de espera".

> A CML não pagou os novos abrigos. "As obras (...) são da responsabilidade da concessionária. A CML não despende valor financeiro para a substituição de mobiliário urbano."

O último critério é criticado pelos utentes. "Não é verdade que não haja tempos de espera nos terminais. É evidente que quando chegamos a essas paragens nem sempre está lá um autocarro", adverte Mariana Rodrigues.

A CML não gastou um cêntimo na renovação dos abrigos. "As obras para a instalação dos abrigos são da responsabilidade do concessionário. A CML não despende valor financeiro para a substituição do mobiliário urbano."

isabel.laranjo@dn.pt

PJ deteve quatro pessoas suspeitas de escravizar homem durante 17 anos

BRAGANÇA Vítima com "atraso cognitivo" conseguiu fugir. Sofreu "maus tratos físicos e psicológicos" e vivia sem acesso a cuidados de saúde e sem condições.

TEXTO **SUSETE HENRIQUES**

Quatro pessoas foram ontem detidas pela Polícia Judiciária (PJ) suspeitas de terem mantido, durante 17 anos, em Bragança, um homem de 54 anos em regime de escravatura.

Através de um comunicado, a PJ informou que "ao longo de 17 anos a vítima sofreu, às mãos dos arguidos, maus-tratos físicos e psicológicos". Foi "explorada como força de trabalho, tendo inclusive sido *alugada* a terceiros para a prestação de trabalhos agrícolas, recebendo os arguidos a respetiva contrapartida financeira pelos serviços prestados pela vítima".

Sem qualquer apoio familiar, a vítima, que "padece de um atraso cognitivo", foi "controlada e vigiada ininterruptamente e os seus documentos encontravam-se na posse dos arguidos, o que a tornou especialmente vulnerável".

"Vivia numa situação degradante, pernoitando num furgão em estado de sucata, num acampamento, sem o mínimo de condições de habitabilidade, salubridade, higiene e alimentação", refere ainda a nota da PJ, acrescentando que a vítima não teve acesso a cuidados médicos.

Os alegados exploradores deste homem nunca terão permitido que fosse medicamente assistido, "nem mesmo quando sofreu um grave acidente lhe possibilitaram o recurso a uma urgência hospitalar". "Em consequência da ausência de tratamento, ficou com lesões permanentes nos membros inferiores, que lhe afetam gravemente a mobilidade", acrescentou a PJ.

O homem conseguiu fugir, o que levou à intervenção das autoridades, que encaminharam-no para um Centro de Acolhimento e Proteção especializado para vítimas de tráfico de seres humanos.

> Homem vivia num furgão em estado de sucata e por não ter acesso a cuidados de saúde ficou com lesões nos membros inferiores.

Na operação conduzida pela Diretoria do Norte da PJ, que envolveu a realização de várias buscas, domiciliárias e a um acampamento, foram detidas quatro pessoas, com idades compreendidas entre os 37 e 44 anos, suspeitas de terem escravizado a vítima.

As detenções ocorreram devido a "fortes indícios da prática dos crimes de tráfico de pessoas, escravidão e falsificação de documentos", diz a PJ. Com "antecedentes criminais por crimes contra o património", os detidos vão agora ser presentes à autoridade judiciaria para primeiro interrogatório judicial e aplicação de medidas de coação.

Outros casos

Este ano, em março, um casal foi detido por manter um homem escravo durante 10 anos. Privado da liberdade, a vítima com atraso cognitivo dormia num anexo sem condições de higiene, trabalhava várias horas sem remuneração, comia restos, tendo sido agredido várias vezes, segundo o *Correio da Manhã*. O alegado explorador da vítima e a mulher, de 69 e 67 anos, foram detidos pela PJ do Porto por tráfico de pessoas.

Já no ano passado, em novembro, a PJ identificou situações muito próximas de escravidão de imigrantes que trabalhavam em explorações agrícolas do Baixo Alentejo, conforme noticiou o DN.

Numa só operação, conduzida pela Unidade Nacional de Contraterrorismo e pelo DIAP de Évora, duas organizações criminosas foram visadas – 28 suspeitos, a maioria romenos, e sinalizada mais de uma centena de vítimas. Dois inquéritos e duas organizações criminosas com o mesmo *modus operandi* inspiraram o nome Operação Espelho. Mais de duas dezenas de pessoas foram detidas, suspeitas de pertencerem a estas estruturas. Os detidos estavam fortemente indiciados de vários crimes.

susete.henriques@dn.pt

Opinião
Rute Agulhas

Será a tropa uma boa medida para jovens que cometem pequenos delitos?

Muita tinta tem corrido nos últimos dias a respeito da possibilidade de as Forças Armadas poderem representar uma escola de vida em contextos formativos, eventualmente adequada para jovens que tenham cometido pequenos delitos. Mas será esta uma boa ideia?

O ministro da Defesa, Nuno Melo, já veio negar que tenha defendido essa hipótese, mas a verdade é que nos últimos dias foram conhecidas diversas reações críticas por parte das Forças Armadas, que alegam que esta possibilidade seria um perfeito disparate, equiparando a tropa a um castigo que se recebe como consequência da exibição de um comportamento desajustado.

Para além deste argumento, acima de tudo centrado naquela que é a missão, os valores e os objetivos das Forças Armadas, considero importante pensar-se também no outro lado da moeda. Ou seja, do que precisa um jovem que comete atos delinquentes? Em que medida poderia a tropa auxiliar o seu processo de reeducação para o direito e ressocialização?

Um jovem que comete delitos, ainda que de gravidade considerada menor, pode revelar dificuldades a vários níveis, podendo estas centrar-se, sobretudo, no controlo das emoções (que se manifestam de uma forma desproporcionada nas relações interpessoais ou em resposta a *stressores* psicossociais) ou dos comportamentos (que violam os direitos dos outros e as normas sociais). Estas dificuldades podem surgir de mãos dadas com a baixa tolerância à frustração, a irritabilidade, a impulsividade e a incapacidade em resolver problemas de forma mais assertiva. De um ponto de vista mais cognitivo, observam-se muitas vezes crenças e valores associados à necessidade de controlo e de domínio da situação.

> “As medidas tutelares educativas devem ser proporcionais à gravidade do facto e à necessidade de educação do menor.”

Muitos destes jovens exibiram mesmo, em idade mais precoce (portanto, na infância), um comportamento desafiante e oposicionista, que se caracteriza pela dificuldade em chegar a compromissos, desafio das regras e ordens e a não-aceitação da responsabilidade pelos seus comportamentos.

De forma adicional, sabemos também que alguns jovens que cometem comportamentos que podem ser tipificados como crime apresentam alguns traços de psicopatia, como sejam a superficialidade afetiva, a ausência de sentimentos de culpa ou de remorsos, a impulsividade ou o défice empático.

Naturalmente que as medidas tutelares educativas devem ser proporcionais à gravidade do facto e à necessidade de educação do menor (conforme consta da lei vigente), pelo que as medidas educativas de internamento são, por norma, equacionadas nas situações mais graves.

No entanto, também as demais situações – aquelas em que o delito cometido é considerado de menor gravidade – requerem uma intervenção especializada, articulando diferentes áreas do saber, numa perspetiva sistémica, envolvendo a família e os demais contextos onde o jovem está inserido. Falamos, portanto, de intervenções estruturadas e definidas em função das características específicas de cada jovem e situação, e não de uma medida universal “*one fits all*”. Os jovens aqui em causa precisam de um olhar individualizado e de uma equipa terapêutica em seu redor, e não de uma recruta com acesso a armas de fogo onde a *ordem* é palavra de ordem.

Psicóloga clínica e forense, terapeuta familiar e de casal

Vendas de usados ainda recuperam, mas importações disparam 38%

SETOR AUTOMÓVEL Comercialização de carros usados subiu em 2023, mas ainda ficou aquém de 2019, ano anterior à pandemia, revela a análise do Standvirtual ao mercado nacional.

TEXTO **JOSÉ VARELA RODRIGUES**

A transferência de propriedade de veículos ligeiros de passageiros, ou seja vendas de carros usados, subiu no último ano 3,5%, face a 2022, em Portugal. Mas a comercialização destes veículos ainda está 7,5% abaixo do que se registava em 2019, o último ano antes da pandemia de covid-19. Os dados constam no estudo de mercado anual do Standvirtual, divulgado esta semana, que constata também as importações estão a influenciar todo o mercado.

As importações de veículos usados subiram 4,4% em 2023, em termos homólogos, e dispararam 37,8% em comparação com o ano de 2019.

Para Nuno Castel-Branco, diretor-geral do Standvirtual, os números evidenciam que os "portugueses continuaram a mostrar interesse em comprar veículos". E, "tipicamente", refere, o mercado de usados "é estável", sendo que o ano de 2023 se revelou "normal" e "positivo".

Não obstante, os números demonstram também uma dinâmica negativa no mercado por causa das importações, registando-se um excesso de oferta em todo o mercado (usados e novos).

A análise do Standvirtual alega ter observado uma "estabilização" do mercado de usados, no último ano. Isso é factual, considerando o referido aumento das transferências de propriedade.

Contudo, aponta-se que o crescimento das importações somado às vendas de veículos ligeiros novos no último ano, que cresceram 27,2% – dados da Associação Automóvel de Portugal (ACAP) divulgados em janeiro – "seria de prever" uma dinâmica "negativa ao longo de 2023, sobretudo pelo excesso de oferta", de acordo com a análise do Standvirtual.

"Importámos 100 mil carros usados, 50% das vendas de novos. Rácio que só os países do Leste da Europa têm", afirmou o presidente da ACAP, Hélder Pedro, em entrevista ao Dinheiro Vivo em fevereiro. No verão de 2023, Roberto Gaspar, presidente da Associação Nacional das Empresas do Comércio e da Reparação Automóvel (Anecra), já avisava que as importações de veículos usados estavam a crescer desde 2021.

As importações, de acordo com a análise de mercado do Standvirtual, foram uma "forma de os vendedores nacionais reabastecerem o *stock* [automóvel]", tendo em conta o "período de escassez de veículos [2021 e 2022]" nos *stands* portugueses face à procura.

O "crescimento progressivo" das importações, aponta o estudo, verificou-se até agosto do ano passado. A partir daí, as importações caíram, "ficando abaixo do número de veículos importados em 2022".

"A dinâmica de mercado permanece positiva até agosto de 2022 com maior procura do que oferta", tornando-se "negativa a partir de setembro". "E mantém-se negativa durante todo o ano de 2023, decrescendo até cerca de 25% no mês de agosto, face ao ano anterior", lê-se na nota do Standvirtual enviada à redação. "Estes valores estão relacionados, sobretudo, com o excesso de oferta disponível no mercado ao longo de 2023", lê-se.

LEONEL DE CASTRO / GLOBAL IMAGENS

Preço médio de venda de carros usados cresceu em "cerca de 4%" no ano passado.

> As importações de automóveis foram uma "forma de os vendedores nacionais reabastecerem o *stock*", tendo em conta o "período de escassez de veículos" em 2021 e 2022.

As importações ajudaram a diminuir o tempo médio esperado de venda em relação à oferta de *stock*, nota ainda o estudo do Standvirtual. Mas o chamado *market supply* "volta a aumentar a partir de outubro [de 2023]", precisamente, porque há "mais oferta do que procura e maiores tempos esperados de venda".

Durante o ano de 2023, registaram-se "significativos aumentos de vendas" nos distritos de Beja (+24%), Bragança (+16%), Viseu (+14%) e Santarém (+13%), com o reporte anual do Standvirtual a salientar uma contração de 6% na comercialização de usados em Lisboa. Castelo Branco (-17%), Évora (-15%) e Portalegre (-14%), foram as regiões a registar maior quebra.

Com "o arrefecimento da procura e o aumento da oferta", o preço médio de venda cresceu em "cerca de 4%", segundo o estudo. No final de 2023, consoante o segmento do veículo pretendido, os preços poderiam oscilar entre menos de 14 mil euros a 34 mil euros.

jose.rodrigues@dinheirovivo.pt

BREVES

Greve sem impacto, dizem Continente e Pingo Doce

As cadeias de supermercados Continente e o Pingo Doce disseram ontem que as suas lojas estavam a funcionar normalmente, em dia de greve dos trabalhadores do comércio e serviços. Fonte oficial do Continente afirmou, a meio da tarde, que "a operação nas lojas Continente decorre dentro da total normalidade", e fonte oficial do Pingo Doce avançou que estava "tudo a funcionar dentro da normalidade". Lidl e Auchan foram contactados, mas não comentaram em tempo útil. O Cesp, afeto à CGTP, e Sitese, afeto à UGT, convocaram uma greve dos trabalhadores do setor para exigir melhores salários. De manhã, Célia Lopes, dirigente do Cesp, disse que havia "excelentes adesões" apontando para encerramentos parciais de lojas e totais de alguns serviços, sobretudo na grande distribuição alimentar.

Taxas de juro mantêm-se nos Estados Unidos

A Reserva Federal norte-americana (Fed) manteve ontem inalteradas as taxas de juro, tal como era esperado pelo mercado. "Indicadores recentes sugerem que a atividade económica tem continuado a expandir-se a ritmo sólido. Os ganhos de emprego permanecem fortes, e a taxa de desemprego continua baixa. A inflação aliviou no passado ano, mas continua elevada. No meses recentes, tem-se registado uma falta de progresso adicional em direção ao objetivo de 2% para a inflação", justifica, em comunicado, a instituição liderada por Jerome Powell. As taxas dos Fundos Federais continuam assim entre 5,25% e 5,5%. A Fed diz que vai continuar a olhar para os dados, mas não considera "apropriado" mexer nas taxas de juro até ter "maior confiança de que a inflação caminha de forma sustentada para os 2%".

Manifestações pró-Gaza nas universidades dos EUA atingem novo pico de violência

GUERRA Na segunda quinzena de abril foram feitas detenções em 19 universidades de, pelo menos, 15 Estados. Na madrugada de ontem, em Nova Iorque, a polícia deteve 300 pessoas.

Na UCLA ocorreram confrontos entre pró-israelitas e os pró-Gaza que se encontravam acampados na Universidade de Los Angeles.

TEXTO **ANA MEIRELES**

Apoiantes de Israel atacaram na madrugada de ontem um acampamento de protesto pró-palestiniano na UCLA, em Los Angeles. Horas antes, do outro lado dos Estados Unidos, em Nova Iorque, a polícia invadiu um edifício da Universidade de Columbia ocupado por manifestantes contra a guerra em Gaza, acabando por deter 300 pessoas. Estes dois incidentes são exemplo de um novo pico de violência nestas manifestações universitárias.

Nas últimas semanas, acampamentos de manifestantes a exigir que as universidades norte-americanas deixem de se relacionar com Israel ou com empresas envolvidas na guerra em Gaza têm vindo a aumentar um pouco por todo o país, criando um movimento estudantil ímpar no século XXI e que, devido às crescentes intervenções policiais para reprimir protestos, já está a ser visto como semelhante ou maior do que aquele que os Estados Unidos viveram durante a Guerra do Vietname. Só entre 17 e 29 de abril, segundo contas feitas pela AFP, já se registaram detenções de manifestantes pró-palestinianos em 19 universidades de, pelo menos, 15 Estados norte-americanos.

Paralelamente, estes protestos estão também a ganhar conotações políticas, que chegam até aos candidatos presidenciais. Joe Biden criticou duramente a tomada de Hamilton Hall, na Universidade de Columbia, pelos manifestantes, com um porta-voz da Casa Branca a dizer que era "absolutamente a abordagem errada". Já Donald Trump, numa entrevista à Fox News, lamentou o "antissemitismo que está a impregnar o [seu] país" e criticou Biden por inação.

Quanto aos últimos incidentes, na madrugada de ontem, funcionários da UCLA anunciaram que o acampamento montado nesta universidade de Los Angeles era ilegal, com o seu presidente, Gene Brock, a garantir que o protesto incluía pessoas "não-afiliadas ao [seu] *campus*". Uma afirmação que, segundo os *media* americanos, não foi acompanhada de qualquer prova.

Imagens das primeiras horas dos incidentes mostram contramanifestantes, na sua maioria do sexo masculino e mascarados, a atirar objetos e a tentar derrubar as barreiras de madeira e aço erguidas para proteger o acampamento pró-palestiniano, ao mesmo tempo que gritavam comentários pró-israelita. Havia também quem levasse bandeiras de Israel e passasse gravações de vários sons, como bebés a chorar e sirenes. "Eles estavam a atacar-nos violentamente. Nunca pensei que chegassem a este ponto, onde o nosso protesto é recebido por contramanifestantes que nos ferem violentamente, nos infligem dor, quando não lhes estamos a fazer nada a eles", contou à Reuters Kaia Shah, investigadora na UCLA e também manifestante.

Esta "invasão" acabou num cenário de luta entre os manifestantes de ambos os lados. Segundo a AP, a *mayor* de Los Angeles, Karen Bass, classificou esta violência como "absolutamente abominável e indesculpável" e disse que a polícia local tinha sido chamada ao local a pedido da UCLA e que oficiais da Patrulha Rodoviária da Califórnia reforçaram o contingente.

Horas antes destes incidentes na UCLA, agentes da polícia de Nova Iorque entraram no *campus* da Universidade de Columbia, a pedido da sua direção. Os agentes desmobilizaram o acampamento e invadiram Hamilton Hall – edifício que tinha sido ocupado por estudantes cerca de 20 horas antes – usando uma escada para entrar por uma janela do 2.º piso. "Quando a universidade soube durante a noite que Hamilton Hall havia sido ocupado, vandalizado e bloqueado, não tivemos escolha", justificou a escola em comunicado.

> "Estavam a atacar-nos violentamente. Nunca pensei que chegassem a este ponto", contou à Reuters Kaia Shah, investigadora na UCLA.

A alguns quarteirões de distância de Columbia, na City University of New York, os manifestantes protagonizaram um impasse com a polícia do lado de fora do portão principal da faculdade pública. Segundo o *mayor* de Nova Iorque, Eric Adams, cerca de 300 pessoas foram detidas nestas duas universidades quando a polícia limpava os acampamentos pró-Gaza.

À tarde, centenas de pessoas, a maioria identificando-se como professores e funcionários da Universidade de Columbia, marcharam e cantaram no lado leste do *campus*,

Blinken quer tréguas já, mas acordo parece estar distante

O primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, disse ontem ao secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, que se o Hamas não renunciar à sua exigência de um cessar-fogo permanente não haverá qualquer acordo e Israel invadirá Rafah, onde se encontram 1,4 milhões de pessoas, garantiu o *site* de notícias israelita Walla, citando responsáveis israelitas e norte-americanos.

Uma das exigências do Hamas é que, numa segunda fase do acordo para a libertação de reféns em troca de presos palestinianos, Israel se comprometa a pôr fim à sua ofensiva. A proposta israelita que atualmente está em análise pelo Hamas inclui a intenção de Israel de discutir numa segunda fase do acordo "o regresso a uma calma sustentável" na Faixa de Gaza, uma formulação que, como refere o portal Walla, não inclui o compromisso explícito de pôr fim à guerra.

Num outro encontro, desta vez com o presidente israelita, Isaac Herzog, Blinken tinha deixado claro que os Estados Unidos estão determinados a que Israel e o Hamas cheguem a um acordo de tréguas "agora". "E a única razão para isso não acontecer é o Hamas", reforçou o secretário de Estado norte-americano.

DN/LUSA

MARK ABRAMSON / THE NEW YORK TIMES

perto do Hamilton Hall. Muitos manifestantes seguravam cartazes com os dizeres "Proibida polícia no *campus*" e gritavam *slogans* dirigidos à presidente da universidade, Nemat Shafik, incluindo "Quantas crianças prendeu hoje?".

Noutras partes do país, como na Universidade do Wisconsin, pelo menos 12 pessoas foram detidas numa manifestação, enquanto que na Universidade do Texas os estudantes decidiram montar um acampamento pró-Gaza, e na Universidade do Connecticut, um dia depois de 25 terem sido detidos, estavam a planear mais protestos.

ana.meireles@dn.pt

EPA/HAIM TZACH / GPO HANDOUT

Opinião
Patricia Akester

Entre a Lei e a Política: O Tribunal Penal Internacional na Ordem Jurídica Global

"Não há ordem sem justiça"
Albert Camus

Prevalece, até ao fim da 2.ª Guerra Mundial, o entendimento de que os governantes no exercício das suas funções soberanas são juridicamente inimputáveis pelos seus actos, pelo que pouco é feito, no plano internacional, para impedir genocídios, massacres, homicídios, torturas, mutilações e outras violações gravíssimas dos Direitos Humanos em larga escala.

Os mecanismos institucionais e legislativos, tão necessários para evitar a impunidade perante a desumanidade, só surgem depois da 2.ª Grande Guerra. Em termos institucionais, a criação dos Tribunais Internacionais Militares de Nuremberga e de Tóquio, permite o julgamento, respectivamente, de líderes da Alemanha Nazi e do Império Japonês, por graves crimes cometidos aquando desse conflito. Este movimento foi complementado, no campo legislativo, pela protecção internacional dos direitos fundamentais, nomeadamente através da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, da *Convenção contra o Genocídio* e das quatro *Convenções de Genebra* que regulam o comportamento dos Estados em tempos de guerra (o chamado *jus in bello*), convenções essas nas quais se funda o Direito Internacional Humanitário.

Ainda em termos institucionais, a possibilidade de passar de tribunais *ad hoc* para um tribunal permanente é debatida durante muito tempo, sem sucesso. Tanto assim que, por resolução do Conselho de Segurança da ONU, são estabelecidos mais dois Tribunais *ad hoc*, no início dos Anos 90, para julgamento de graves crimes praticados na ex-Jugoslávia e no Ruanda.

O *Estatuto do Tribunal Penal Internacional* (TPI) entra finalmente em vigor, em 2002, conferindo a esse tribunal, ao contrário dos tribunais que o antecederam, um carácter permanente e potencialmente universal.

Abre-se, assim, uma nova fase do Direito Penal Internacional, respaldada numa entidade à qual é atribuído um papel fundamental: julgar pessoas singulares (e não Estados) pela prática dos mais graves crimes internacionais (crimes de guerra, crimes contra a Humanidade, crime de genocídio e crime de agressão) independentemente da sua posição e poder, no âmbito de uma missão que transcende fronteiras nacionais; procurando impor a justiça em cenários onde os sistemas judiciais locais falham ou optam por não agir.

Na prática, a operação do TPI encontra-se intrinsecamente ligada às dinâmicas do poder e da vontade políticos, que tanto podem facilitar como obstruir a missão desse Tribunal. Por exemplo, a execução dos mandados de detenção emitidos pelo TPI contra Vladimir Putin e, potencialmente, Benjamin Netanyahu, depende da cooperação internacional, a qual é ditada pela tensão intrínseca entre o direito e a política, minando com frequência a autoridade de tal tribunal.

"Tal como o Governo russo, o Governo israelita não reconhece a autoridade, nem a legitimidade, desse tribunal, nem dos mandados em causa. A capacidade do TPI de impor as suas decisões é, portanto, limitada pela vontade política dos Estados e pela teia das relações internacionais."

Sucede que o TPI se encontra ligado à ONU, mas não é parte integrante dessa organização, independência essa que comporta desafios, principalmente no que toca à exequibilidade das decisões desse tribunal. Não assentando no recurso ao Conselho de Segurança da ONU, a implementação das decisões do TPI firma-se, como referido acima, na cooperação internacional, cujos contornos são influenciados por dinâmicas políticas globais. As investigações em curso na Ucrânia e na Palestina e os respectivos mandados de detenção (uns emitidos, outros potencialmente a emitir) contra figuras de peso, ilustram as dificuldades que o tribunal enfrenta.

No caso da Ucrânia, o TPI emitiu (i) a 17 de Março de 2023, mandados de detenção de Vladimir Putin, presidente da Federação Russa, e de Maria Alekseyevna Lvova-Belova, Comissária para os Direitos das Crianças da mesma Federação, por suspeita dos crimes de deportação e transferência forçadas de crianças ucranianas para território russo e (ii) a 4 de Março de 2024, mandados de detenção de Sergei Ivanovich Kobylash, tenente-general das Forças Armadas Russas, e de Viktor Nikolayevich Sokolov, almirante da Marinha Russa, por suspeita de vários crimes de guerra (contra civis e bens civis, danos incidentais excessivos e actos desumanos). Até hoje nenhum dos quatro foi detido, sendo que, sem detenção, não pode haver julgamento, pois este não pode ter lugar na ausência do arguido (assim manda o *Estatuto de Roma*).

No caso da Palestina, temem as autoridades israelitas que o TPI emita mandados de detenção contra o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, o ministro da Defesa, Yoav Gallant, e outros líderes (*The New York Times*, Euro-News), mandados esses que Israel (segundo o *Times of Israel*) pretende travar.

Tal como o Governo russo, o Governo israelita não reconhece a autoridade, nem a legitimidade, desse tribunal, nem dos mandados em causa. A capacidade do TPI de impor as suas decisões é, portanto, limitada pela vontade política dos Estados e pela teia das relações internacionais. Um dos principais desafios enfrentados por esse tribunal reside, precisamente, no entrelaçamento entre a lei e os interesses nacionais e globais.

Conclui-se que o TPI vive um período difícil, num enquadramento geral em que a ética e a lei são frequentemente sobrelevadas por considerações políticas, diplomáticas, económicas e outras, com potenciais consequências nefastas para a ordem jurídica internacional que poderão emergir, na ausência de resposta adequada, sob a forma de ciclos de violência imparáveis.

Perante desafios substanciais à escala mundial, a promoção da justiça e da ética no plano global exige, por conseguinte, um compromisso renovado com o TPI, compromisso este que deve ser inserido num amplo quadro de colaboração, de solidariedade e de alianças internacionais, alicerçadas em princípios que tão claros se tornaram após a 2.ª Guerra Mundial, designadamente, a inviolabilidade da dignidade do ser humano e o combate à impunidade, lembrando que "a primeira igualdade é a justiça" (Victor Hugo).

A autora não escreve de acordo com o novo acordo ortográfico

Patricia Akester é Fundadora do Gabinete de Propriedade Intelectual/Intellectual Property Office (GPI/IPO) e Associate, CIPIL, University of Cambridge

Manifestantes pró-UE dizem que lei se assemelha a legislação russa.

EPA / DAVID MDZINARISHVILI

Confrontos e mais de 60 detidos em manifestação contra "lei dos agentes estrangeiros"

GEÓRGIA Josep Borrell condenou "veementemente a violência" das forças de segurança contra manifestantes.

TEXTO **ANA MEIRELES**

Pelo menos 63 pessoas foram detidas na madrugada de ontem em Tiblíssi na sequência de mais uma jornada de protestos contra a chamada "lei dos agentes estrangeiros", levando o chefe da diplomacia da União Europeia a condenar "veementemente a violência" das forças de segurança. Ontem, os deputados georgianos retomaram o debate sobre a segunda leitura da polémica legislação.

As autoridades georgianas anunciaram que 63 manifestantes pró-europeus foram detidos nesta manifestação noturna em Tiblíssi que foi violentamente reprimida pela polícia. Os protestos duraram cerca de seis horas, tendo ficado feridos seis elementos das forças policiais. Entre os feridos, encontra-se também um dos líderes da oposição georgiana, Leván Jabeishvelí. De acordo com a polícia, Jabeishvelí, que foi hospitalizado, tentou escapar a um cordão policial e resistiu às autoridades.

O ministro do Interior Alexandr Darajvelidze disse que "os participantes no protesto atiraram vários objetos pesados, incluindo garrafas e pedras, contra os agentes", o que obrigou as forças de segurança a utilizarem meios especiais para dispersar a manifestação quando esta assumiu um "caráter violento".

Os manifestantes protestavam contra um projeto de lei sobre a "influência estrangeira" que os críticos consideram ser semelhante à legislação russa utilizada contra a oposição. Durante a manifestação gritavam "Não à lei russa!" e "Geórgia!", enquanto atiravam ovos às forças policiais, e tentaram bloquear o edifício do Parlamento, fortemente vigiado pela polícia de choque, que utilizou gás lacrimogéneo para os dispersar.

O chefe da diplomacia da União Europeia, Josep Borrell, condenou "veementemente a violência" das forças de segurança contra manifestantes na Geórgia, considerando "inaceitável" o recurso à força para conter protestos pacíficos. "A Geórgia é um país candidato à UE e apelo às suas autoridades para que garantam o direito de reunião pacífica", escreveu Borrell no X.

Os protestos na Geórgia contra a "lei de transparência da influência estrangeira", que os deputados já aprovaram em primeira leitura, começaram há mais de duas semanas. Ontem foi retomado no Parlamento o debate sobre a segunda leitura deste projeto de lei. De acordo com a Reuters, a televisão da Geórgia mostrou que o ambiente no plenário estava longe de ser calmo.

A presidente Salome Zurabishvili já anunciou que vetará a lei, criticada porque prejudicará a liberdade de expressão e os direitos fundamentais da população georgiana caso seja aprovada em segunda e terceira leituras no Parlamento.

A lei exigirá que todas as organizações, meios de comunicação e entidades similares que recebam pelo menos 20% do seu financiamento do exterior se registem como "agentes de influência estrangeira".

O texto é o mesmo de 2023, embora com algumas modificações. No ano passado, a oposição e parte da sociedade manifestaram-se contra a proposta porque era uma demonstração de simpatia para com a Rússia.

O Governo liderado pelo partido Sonho Georgiano rejeitou as acusações e defendeu que a proposta serviria para ter uma lista de organizações financiadas por estrangeiros. **Com AGÊNCIAS**

BREVES

Milei garante vitória no Parlamento

A meia sanção da Câmara de Deputados da Argentina ao pacote legislativo conhecido como "Lei de Bases" permite ao presidente Javier Milei adotar o estilo pragmático e provar que pode avançar com reformas, apesar da sua minoria parlamentar. Após 29 horas e 20 minutos de debate, a segunda mais extensa jornada legislativa da história argentina, o Governo obteve a sua primeira vitória na Câmara de Deputados, conseguindo a meia sanção da chamada "Lei de Bases", um pacote de ferramentas com as quais Milei pretende desregulamentar o Estado e modernizar a economia. Assim, quando chegar ao Senado, Milei poderá conseguir a sua primeira lei desde que foi eleito há cinco meses. Em fevereiro, a tentativa de aprovar a legislação fracassou quando o Governo retirou o texto do debate, depois de a oposição ter começado a alterar cada artigo.

Londres já deportou para o Ruanda

O Reino Unido deportou esta segunda-feira o primeiro requerente de asilo para o Ruanda na sequência do seu programa voluntário para migrantes a quem foi recusado asilo, divulgaram ontem os *media* britânicos. O plano do Governo que permite deportar requerentes de asilo para o Ruanda tinha sido assinado na passada quinta-feira pelo rei Carlos III, permitindo a organização dos voos de repatriação. Esta segunda-feira, um homem (que será africano) deixou o Reino Unido num voo comercial, concordando em ser deportado para o Ruanda depois de o seu pedido de asilo ter sido rejeitado no final de 2023, tendo ainda recebido um pagamento de até 3000 libras em troca. Ontem, o Governo anunciou que as equipas do Ministério do Interior "têm trabalhado a um ritmo acelerado" para deter, de forma rápida, os migrantes que podem ser repatriados.

Opinião
João Almeida Moreira

As minhas filhas querem que eu as repare

Atentas ao noticiário sobre o Brasil, as minhas filhas leram no *site* do DN que o presidente da República de Portugal quer reparar as ex-colónias pelos saques e pela escravidão. Como elas nasceram em Ribeirão Preto, estado de São Paulo, no Brasil, há 12 anos, e eu em Lisboa, capital de Portugal, há 50, naturalmente pediram-me uma indemnização – em forma de mesada, por enquanto.

Foi uma provocação delas, claro, mas faz refletir: porque aqui no Brasil não foram os indígenas ou os afro-brasileiros, a quem seriam destinadas as desculpas e as restituições, os mais empolgados com as palavras de Marcelo Rebelo de Sousa. Não: são os netos, bisnetos e *tataranetos* de portugueses, chamados Costa, Sousa, Oliveira, Silva ou Rodrigues, com o sangue cheio de glóbulos brancos e vermelhos, de bigode, a cantar o fado a duas vozes, que já estão a falar na *grana*.

É como se no rol das pessoas que se sentem lesadas pelos roubos do Al Capone se enfiassem a filha, a cunhada, a sobrinha-neta, a nora, a enteada ou o compadre do próprio mafioso a pedir ressarcimentos. Faz sentido?

Além dos descendentes de portugueses, os descendentes de europeus e de asiáticos e de outros cantos do planeta também se sentiram muito tocados pela declaração de Marcelo. Ou seja, imigrantes que puseram os pés no Brasil pela primeira vez no final do século XIX querem beneficiar-se de uma suposta indemnização portuguesa pelos desvios de ouro e pelo tráfico de pessoas nos séculos XV e XVI? Como assim? Como se diz no Brasil, "entraram no *ônibus* agora e já querem sentar na janelinha"?

Entretanto, o Brasil é hoje um gigante de imenso potencial porque o colonizador português não esquartejou o país em 20 ou 30 bolívias ou guatemalas, como o império espanhol – isso não entra nas contas? E os benefícios do desbravamento do território, porque a maioria era inabitado, não dão um desconto? E a língua, um outro território que Machado de Assis, Chico Buarque e tantos outros génios brasileiros desbravaram, não é uma riqueza?

Portugal (ou a Lusitânia) foi invadido e colonizado por godos, visigodos, mouros, celtas, romanos – está previsto, caro Presidente da República, um pedido de reparação, por exemplo, à Câmara Municipal de Roma por ter imposto o latim e o cristianismo aos portugueses?

No Canadá, o Governo criou uma Comissão de Reconciliação com os povos indígenas locais e anunciou em 2023 um pacote de indemnização de 17,35 mil milhões de dólares. O Governo, sublinhe-se, canadiano, não foram nem o inglês, nem o francês – por que neste caso Brasília não assume parte da despesa?

Não está em causa neste texto se a tese de Marcelo é justa ou não, esse é um assunto tão complexo, tão denso e tão global que merece ser tratado além da espuma das colunas jornalísticas e das gincanas político-partidárias. Estão em causa as reações primárias, algumas eventualmente incluídas neste texto, a qualquer tese que seja atirada ao ar sem estudo detalhado, nem cuidado extremo.

Entretanto, enquanto não se fazem detalhados estudos com extremos cuidados sobre o tema, mas apenas declarações avulsas para inglês ver e correspondente estrangeiro ouvir, quem se trama são os pais portugueses de filhos brasileiros ávidos de mesadas.

Mas pior ainda deve estar o longevo e longilíneo central luso-brasileiro do FC Porto e da seleção, o Pepe, cuja mão esquerda está a pedir uma indemnização à mão direita.

Jornalista, correspondente em São Paulo

"Objetivo é continuar a pôr Portugal como *hub* de discussões geopolíticas"

MAFRA DIALOGUES A 4.ª edição da iniciativa do IPDAL e da Câmara Municipal de Mafra decorre hoje e amanhã no Real Edifício de Mafra. A guerra na Ucrânia e no Médio Oriente, como a ameaça do Indo-Pacífico vão estar em debate.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

D.R./ IPDAL

A sessão de abertura dos *Mafra Dialogues* em 2023. O Real Edifício de Mafra acolhe, de novo, a iniciativa.

A Europa depois da guerra na Ucrânia, as relações entre muçulmanos e judeus à luz do conflito no Médio Oriente, assim como a tensão na região do Indo-Pacífico são três dos temas que serão debatidos na IV edição dos *Mafra Dialogues*: *Diálogos Estratégicos e Diplomacia da Paz*, uma iniciativa do Instituto para a Promoção da América Latina e Caraíbas (IPDAL) e da Câmara Municipal de Mafra.

"O objetivo dos *Mafra Dialogues* é continuar a pôr Portugal como *hub* d e discussões da geopolítica, das Relações Internacionais, da diplomacia", disse ao DN o secretário-geral do IPDAL, Gastón Ocampo. "E mesmo que o nome diga que somos um instituto que trabalha a América Latina e as Caraíbas, o IPDAL continua a sua expansão geográfica, crescendo também em impacto", acrescentou.

"Portugal, historicamente, tem feito um ótimo trabalho em mediar conflitos, em ser uma ponte entre diferentes continentes, nomeadamente Europa e América Latina, Europa e África e Europa e Médio Oriente. Este *hub* que Portugal continua a ser e que continua a desenvolver-se em termos de importância e relevância, é algo que o IPDAL identificou como principal objetivo para este tipo de iniciativas", resumiu.

A agenda da IV edição dos *Mafra Dialogues*, que decorre no Torreão Sul do Real Edifício de Mafra, percorre os atuais conflitos no mundo, com várias intervenções de representantes ucranianos – incluindo o encerramento com Igor Ivanovych Zhovkva, vice-chefe de Gabinete do presidente Volodymyr Zelensky – e um painel sobre *As relações entre muçulmanos e judeus à luz do recente conflito*.

> Não esquecendo o foco latino-americano do IPDAL, haverá um painel sobre *Desafios e lições aprendidas na América Latina e Caraíbas*.

"O que está a acontecer no mundo é muito preocupante. A situação no Médio Oriente, na Europa, onde temos uma guerra pela primeira vez em muitos anos, quando muitos especialistas achavam que era algo impossível", explicou Ocampo. "É muito importante podermos discutir formas pelas quais a diplomacia e o diálogo podem atingir soluções mais longevas que o conflito armado e a violência."

Mas os *Mafra Dialogues* debruçam-se também sobre aquele que se acredita poder ser o próximo foco de conflito, o Indo-Pacífico, com um dos painéis a contar com a participação de um *research fellow* do Instituto de Pesquisa de Defesa e Segurança Nacional de Taiwan, Domingo I-Kwei Yang.

Sem esquecer o foco latino-americano do IPDAL, outro dos painéis aborda os *Desafios e lições aprendidas na América Latina e Caraíbas*, com a intervenção, entre outros, do embaixador da Colômbia em Portugal, José Fernando Bautista.

Outro ponto de conversa será o diálogo inter-religioso e o papel que pode ter em alcançar a paz, usando África como exemplo.

"Motivado pela necessidade urgente de gerar respostas coletivas para as incertezas do presente e do futuro, e inspirado pelo simbólico 75º aniversário da ONU, o IPDAL assumiu o dever de contribuir para uma reflexão que permita reafirmar a centralidade da diplomacia e das organizações multilaterais no atual contexto de reconfiguração geopolítica", indicou a organização. "O mundo precisa, mais do que nunca, de multilateralismo. De mediação e prevenção de conflitos. *De Diálogos Estratégicos e de uma Diplomacia da Paz*", insiste.

Mafra acolhe pela quarta vez estes debates, com Ocampo a considerar que o Real Edifício é o "lugar ideal para discutir" estes temas, uma vez que junta Governo, Forças Armadas e Igreja.

"O edifício mandado construir pelo rei D. João V, no século XVIII, é a materialização do conhecimento e da técnica dos melhores mestres de várias nacionalidades, pelo que, considerando a sua universalidade, é o espaço de excelência para receber o *Mafra Dialogues*", disse ao DN o presidente da Câmara Municipal de Mafra, Hélder Sousa Silva, que considera este evento também como uma oportunidade de dar visibilidade turístico-cultural ao conjunto distinguido como Património Mundial pela UNESCO em 2019.

Para o autarca, esta conferência constitui "uma oportunidade" para posicionar o seu município "no roteiro dos grandes eventos que, reunindo influentes personalidades e organizações mundiais, pretendem contribuir para a promoção do debate sobre as ameaças à paz

"É muito importante podermos discutir formas pelas quais a diplomacia e o diálogo podem atingir soluções mais longevas que o conflito armado e a violência."
Gastón Ocampo
Secretário-geral do IPDAL

"Perante a crescente emergência de novos riscos à escala mundial, espera-se que o Mafra Dialogues possa corresponder à premência do debate, quer pela qualidade das intervenções, quer ainda pela adesão do público."
Hélder Sousa Silva
Presidente da Câmara Municipal de Mafra

internacional e para a apresentação de propostas que mantenham a Humanidade no caminho da procura de soluções pacíficas".

"Perante a crescente emergência de novos riscos à escala mundial, espera-se que o *Mafra Dialogues* possa corresponder à premência do debate, quer pela qualidade das intervenções, quer ainda pela adesão do público", acrescentou o autarca, lembrando que, à semelhança dos anos anteriores, "o evento decorrerá não só em modo presencial, como terá transmissão *online* em direto, com tradução simultânea, de forma a que, a partir de qualquer parte do mundo, os cidadãos possam usufruir deste exercício de reflexão, que se quer cada vez mais participado".

susana.f.salvador@dn.pt

AGENDA

2 DE MAIO

15.00 – Abertura
Paulo Neves – Presidente do IPDAL
Hélder Sousa Silva – Presidência da Câmara Municipal de Mafra
António de Almeida-Ribeiro – Secretário-Geral-Adjunto do Centro de Diálogo Internacional (KAICIID)

15.30
Mensagem especial da Santa Sé, lida por **sua eminência D. Ivo Scapolo**, Núncio Apostólico em Lisboa

15.50 – Painel I – Navegando pela paz no Indo-Pacífico
dr. Domingo I-Kwei Yang – *Research fellow*, Institute for National Defense and Security Research of Taiwan
Felipe Pathé Duarte – Professor assistente/Investigador da Faculdade de Direito da Universidade NOVA de Lisboa
Vitaliy Venislavskyy – Representante EuroDefense Jovem
Moderador: Gastón Ocampo, Secretário-geral do IPDAL

16.30 – Painel II – Relações entre muçulmanos e judeus à luz do recente conflito
Rabino Schlomo Hofmeister – Rabino-chefe da Baixa Áustria, Bergenland, Estíria e Caríntia e representante do Conselho de Liderança Judaica Muçulmana
Karim Askari – Presidente da Fundação Islâmica da Islândia e representante do Conselho de Liderança Judaica Muçulmana
Sarah Bernstein – Diretora executiva do Rossing Center for Education and Dialogue
Eric Gozlan– Codiretor do International Council for Diplomacy and Dialogue
Moderador: Tim Mortimer, responsável pelo Programa Europa – KAICIID

17.10 – *Keynote Speech:*
Ana Isabel Xavier – Secretária de Estado da Defesa Nacional

3 DE MAIO

10.20 – *Opening Keynote*
Oksana Prodan – Conselheira do presidente da Associação de Cidades Ucranianas (Galardoada com o Prémio Norte-Sul do Conselho da Europa)

11.40 – Painel III – Desafios e lições aprendidas na América Latina e Caraíbas
Paula Barros – Coordenadora de Programas de Educação e Direitos Humanos da Organização dos Estados Ibero-Americanos
José Fernando Bautista – Embaixador da Colômbia em Portugal
Pedro Neto – Diretor executivo da Amnistia Internacional Portugal
Moderador: Paulo Neves – Presidente do IPDAL

11.20 – Painel IV – Diálogo inter-religioso: Sucessos em África
Padre Stephen Ojapah – Sacerdote católico da Sociedade Missionária de São Paulo da Nigéria (KAICIID)
Nelson Moda – Comunidade Sant'Egídio
***Sheikh* Peter Yau Deng** – Secretário-Geral do Conselho Inter-Religioso do Sudão do Sul
Agustín Nuñez – Porta-voz Oficial e Gestor Sénior do Programa África – KAICIID.
Moderador: Pietro Siena, responsável pelo Programa África Oriental e Francófona – KAICCID

12.00 – *Fireside Chat* – Guerra na Europa: o que é que se segue à guerra na Ucrânia?
Pavlo Klimkin – Cofundador do Centro para a Resiliência e Desenvolvimento Nacional e ex-ministro dos Negócios Estrangeiros da Ucrânia
Mariana André – Secretária-Geral da Associação da Juventude Portuguesa do Atlântico (YATA)
Cátia Moreira de Carvalho – Investigadora da Universidade de Leiden e Universidade do Porto
Diana Soller – Investigadora de Relações Internacionais do IPRI/NOVA
Moderador: Stephen Bronner, Professor de Ciência Política do Conselho de Governadores da Universidade de Rutgers e Codiretor do International Council for Diplomacy and Dialogue

12.30 – *Closing Keynote:*
Igor Ivanovych Zhovkva – Vice-Chefe do Gabinete do presidente da Ucrânia.

Opinião
Paulo Neves

Mafra Dialogues 2024: Fortalecendo a Paz através da *Diplomacia Pública* e do *Diálogo Inter-Religioso*

Durante os dias 2 e 3 de maio de 2024, o IPDAL – Instituto para a Promoção da América Latina e Caribe e a Câmara Municipal de Mafra assinalam a realização da IV edição do *Mafra Dialogues*. A respetiva iniciativa assume um inequívoco compromisso com a promoção da *Diplomacia Pública e do Diálogo Inter-Religioso* como fórmulas concretas para a resolução duradoura dos conflitos.

Os painéis deste ano salientam diferentes temáticas e refletem alguns dos conflitos regionais que têm profundas implicações na sustentabilidade da Paz e que por isso requerem a participação ativa de todos os atores internacionais.

Começamos por prestar atenção à região do Indo-Pacífico, em concreto, ao Mar do Sul da China. Numa área marcada pelos interesses e movimentos de poder das grandes potências, as respetivas preocupações de segurança evidenciam a enorme atualidade da região. Reforçada inclusivamente pela visita do secretário de Estado americano, Antony Blinken, a Pequim na semana passada.

Depois, exploramos os desafios de segurança na América Latina e nas Caraíbas. Estas regiões, frequentemente citadas como as mais violentas do mundo, representam um caso em que a insegurança, exacerbada por problemas sociais e económicos, impacta a vida de milhões de cidadãos.

Atenta-se também ao presente conflito no Médio Oriente. A complexidade deste desafio, enraizado em diferenças religiosas e territoriais, exemplifica a necessidade concreta de estabelecer vias de diálogo inter-religioso que facilitem a aproximação de comunidades desgastadas pela destruição e pelo histórico de sofrimento.

Vias essas que podem ser encontradas em ações como aquelas facilitadas pelo KAICIID – organização intergovernamental com sede em Lisboa, também presente na IV edição do *Mafra Dialogues* – em países como a República Centro-Africana, outro dos tópicos em análise. É notável o progresso realizado desde o início das hostilidades pelo KAICIID. Apesar disso, a manutenção da Paz continua a revestir-se de atualidade e a reafirmar a sua premência. Prometemos dar conta do que foi feito e do que continua a ser necessário fazer.

Encerramos com um tema importante para nós europeus: a saber, a invasão russa da Ucrânia. Há muitas questões importantes neste confronto. Desfechos e atuações que podem marcar o futuro do continente europeu para os próximos tempos. As discussões em Mafra vão, certamente, abordar o esforço no terreno do Exército e do Governo ucranianos e do seu Povo, mas também o futuro da guerra que, em bom rigor, também é o futuro da União Europeia e do Ocidente Global.

Em função destas temáticas, o *Mafra Dialogues* reúne personalidades e instituições de enorme credibilidade.

Se, por um lado, nos dedicamos à identificação de soluções práticas para conflitos atuais, por outro lado, procuramos estabelecer um caminho proativo na prevenção de conflitos futuros. É nesta lógica que o *Mafra Dialogues* oferece a oportunidade para líderes e especialistas de todo o mundo contribuírem para uma discussão que molde a política da Paz. Uma discussão feita em Portugal e também por portugueses.

Por conseguinte, a IV edição do *Mafra Dialogues* é testemunho, não só da urgência de soluções para os problemas que enfrentamos, mas da convicção partilhada pelo IPDAL e pela Câmara Municipal de Mafra, e os outros parceiros, de que os instrumentos da Diplomacia da Paz e do Diálogo são um contributo indispensável, sem o qual não é possível forjar soluções que garantam a merecida prosperidade dos povos.

Presidente do IPDAL

Análise
Germano Almeida

Entre a vingança e a moderação

A 187 dias da grande decisão norte-americana, os sinais são contraditórios: Trump ligeiramente à frente nas sondagens nacionais, Biden a recuperar nos Estados decisivos.

A campanha de Biden está longe de ter chegado ao "modo emergência". As dificuldades são evidentes, mas as perspetivas até novembro continuam a ser positivas. Os 81 milhões de votos obtidos por Joe há quatro anos colocam o atual presidente numa base de partida muito alargada. Mesmo que perca uma boa parte desses sufrágios, as possibilidades de reeleição continuam lá.

No jantar anual com os correspondentes da Casa Branca, Biden voltou a insistir na tecla da defesa da democracia, associando um possível regresso de Trump a uma decisão irresponsável, que poria em risco as instituições políticas norte-americanas: "Trump quer vingança e está ressentido. Prometeu um banho de sangue se perder." Biden avisou que um novo 6 de janeiro de 2021 (ataque ao Capitólio) é possível se a Democracia não prevalecer: "Cada um de nós tem um papel importante a desempenhar para garantir que a democracia americana perdure. Eu tenho o meu papel, mas com todo o respeito, vocês [jornalistas] também têm. Na era da desinformação, a informação credível em que as pessoas possam confiar é mais importante do que nunca."

Espirituoso (dentro do tom que sempre marca o discurso do presidente nesses jantares), Biden brincou com a sua idade avançada e, ao fazê-lo, aproveitou para menorizar o rival: "As eleições de 2024 estão a decorrer a todo o vapor. E, sim, a idade é um problema. Sou um homem adulto a concorrer contra uma criança de 6 anos. Trump está tão desesperado que começou a ler as *Bíblias* que está a vender. Depois chegou ao 1.º Mandamento: 'Não colocarás outros deuses diante de mim.' Foi então que a pousou e disse: 'Este livro não é para mim'."

Donald Trump nunca esteve presente, como presidente, nos jantares anuais com os correspondentes da Casa Branca.

Mas há 13 anos, em 2011, Trump estava na plateia quando o então presidente Barack Obama o inundou de sarcasmo, ao gozar com o delírio que se criava na direita conspiracionista quanto a uma alegada (disparatada…) ilegalidade de Obama ser presidente dos EUA, para aqueles que acreditavam que teria nascido no Quénia (uma teoria que cresceu de tal modo que levou Obama a ver-se forçado a divulgar o certificado do seu nascimento, em Honolulu, no Havai). A cara de Donald, a tentar disfarçar a fúria por ver-se humilhado pela superioridade intelectual de Obama terá (acreditam muitos) sido relevante para a posterior decisão de Trump de suceder a Barack na Casa Branca.

Para lá de táticas ou estratégias, Joe Biden parece ter a firme convicção de que a maioria do povo americano não quer pôr de novo na Casa Branca alguém como Donald Trump, que surfou a onda iniciada na década anterior de pisar a verdade e usar, sem pudor, a mentira difamante para proveitos próprios. Estará certo?

"Sinceramente, não estou a pedir que tomem partido. Estou a pedir que se atenham à seriedade do momento. Deixem de lado os números da corrida de cavalos, as distrações, os espetáculos secundários que passaram a dominar a nossa política, enchendo-a de sensacionalismo. Concentrem-se no que realmente está em jogo", pediu o presidente aos jornalistas, nesta fase de arranque dos motores de uma eleição presidencial decisiva para o futuro da democracia norte-americana.

Avisos à Europa e ceticismo pelos dois Estados

Se Biden teme um Trump vingativo, Trump quis mostrar ângulos um pouco menos radicais na entrevista que deu à *Time*. Logo na imagem de capa, aparece em pose menos desafiadora que o costume, em tons estranhamente discretos para o estilo egocêntrico que o caracteriza.

Por que terá sido? Possivelmente porque Donald sabe que está a perder terreno para Biden entre os independentes. E, acima de tudo, porque, desde 2016, todas as eleições nacionais têm comprovado a tese de que o eleitorado MAGA ("*Make America Great Again*" – Fazer a América Grande Outra Vez), sendo fiel e mobilizado, não chega para vencer uma disputa presidencial.

Mas a forma, sempre importante na política americana, não é tudo. No conteúdo, Trump continua Trump. Sobre o conflito israelo-palestiniano, lançou: "A solução de dois Estados é muito, muito difícil. Houve um período em que pensei que poderia resultar. Agora, acho que dois Estados vai ser muito, muito difícil. Neste momento, muito poucas pessoas gostam dessa ideia."

Ora, isto é uma rutura com a posição oficial dos EUA de pugnar por uma solução de dois Estados, como única forma de incluir os interesses de israelitas e palestinianos, sem permitir a extinção de qualquer uma das partes.

Trump volta a interpelar a Europa

Trump admite continuar a ajudar a Ucrânia se a "Europa começar a equilibrar" o apoio financeiro dado pelo Estados-membros da NATO a Kiev.

Na mesma entrevista à *Time*, o ex-presidente, que o quer voltar a ser (até agora só aconteceu uma vez na História americana e já foi há mais de um século), afirmou que quer que a União Europeia aumente a ajuda a Kiev, aproximando-se dos Estados Unidos que, desde o início da invasão, são o país que mais forneceu ajuda.

"Quero que a Europa pague. Não quero que nada de mal aconteça à Europa, adoro a Europa, adoro o povo europeu, tenho uma ótima relação com a Europa. Mas eles aproveitaram-se de nós, tanto na NATO, como na Ucrânia. Estamos a dar mais milhares de milhões de dólares do que eles à Ucrânia. A Europa não está a pagar a sua justa parte. Não devia ser assim, mas o contrário. Porque eles são muito mais afetados. Nós temos um oceano entre nós [e a Rússia]. Eles não têm. E quando digo coisas assim, é como um ponto de negociação, e fiz um bom trabalho, porque entraram milhares de milhões de dólares recentemente", alegou o futuro candidato presidencial republicano.

Trump garantiu que não tem qualquer problema com a NATO. E insistiu: "Quero que eles paguem as suas contas. É muito simples. A NATO está bem."

Numa referência profundamente injusta (até agora, a única vez que o artigo 5.º do *Tratado de Washington* foi ativado, em 75 anos da história da NATO, foi para proteger os EUA, após o 11 de Setembro de 2001), Trump arengou: "O problema que tenho com a NATO é que não acho que a NATO viria em nossa defesa se tivéssemos um problema. Conheço-os a todos. É uma rua de sentido único. Se fôssemos atacados, muitos dos países da NATO não estariam lá."

Trump deu a entender que, com ele na Casa Branca, Putin não teria invadido a Ucrânia. Com isso, aproveitou para cair em cima da ideia que, sempre que pode, tenta transmitir: a de que Biden é fraco. "Biden lidou muito mal com Putin. Este nunca deveria ter entrado na Ucrânia. E não entrou durante quatro anos comigo. Eu dou-me muito bem com Putin, mas o repórter [Evan Gerskovich do *Wall Street Journal*, detido em Moscovo] devia ser libertado e vai ser libertado. Não sei se vai ser libertado sob o comando de Biden."

Quanto ao apoio a Taiwan, em caso de acontecer uma invasão por parte da China, Trump foi propositadamente vago, destacando que Pequim tem de "entender que questões como esta não são fáceis".

"Trump deu a entender que, com ele na Casa Branca, Putin não teria invadido a Ucrânia. Com isso, aproveitou para cair em cima da ideia que, sempre que pode, tenta transmitir: a de que Biden é fraco."

Especialista em Política Internacional

PUBLICIDADE

avisos, tribunais e conservatórias

Aviso (Extrato)

IPOPORTO

Torna-se público que, por deliberação do Conselho de Administração de 24.04.2024, se encontra aberto, pelo prazo de 5 dias úteis, a contar da data de publicação do presente extrato, o processo de seleção conducente à constituição de Bolsa de Reserva de Assistentes Técnicos para o Serviço de Aprovisionamento e Logística. Os requisitos gerais e o perfil de competências exigido, os métodos e critérios de seleção e outras informações de interesse para apresentação das candidaturas e para o desenvolvimento do procedimento concursal constam da publicitação integral do aviso de abertura, inserto na página eletrónica do IPO-Porto, E.P.E., *in* **www.ipoporto.pt**.
Porto, 29.04.2024

Brisa CONCESSÃO

Comunicado

Túnel de Mato Forte (A10)

Durante os meses de maio a julho de 2024

A Brisa Concessão Rodoviária (BCR) informa que irá efetuar intervenções em equipamentos do Túnel de Mato Forte, localizado cerca do km 3+500, no sublanço Bucelas – Arruda dos Vinhos, da A10-Autoestrada Bucelas / Carregado / IC3, pelo que irão existir constrangimentos, por meio de implementação de cortes de via e/ou basculamentos de tráfego.

A duração dos trabalhos ocorrerá em dois meses.

A Brisa agradece antecipadamente a compreensão e colaboração dos automobilistas e espera contribuir para reduzir eventuais inconvenientes decorrentes desta operação, estando certa de que os possíveis incómodos serão largamente compensados pelo nível de qualidade, segurança e conforto que resultam de uma autoestrada mais bem-adaptada às necessidades de quem a utiliza.

Para informação de trânsito atualizada poderá consultar o *site* www.brisaconcessao.pt.

Melhoramos a pensar em si

Brisa CONCESSÃO

Comunicado

Reabilitação do Viaduto sobre o Rio Mondego, no Sublanço Coimbra Sul-Coimbra Norte (A1)

Durante os meses de maio a outubro de 2024

A Brisa Concessão Rodoviária (BCR) informa que irá efetuar obras de Reabilitação no Viaduto E (VI-281), sobre o Rio Mondego, localizado ao km 193+110, no sublanço Coimbra Sul-Coimbra Norte (A1/A14), da A1-Autoestrada do Norte, pelo que irão existir constrangimentos, por meio de implementação de cortes de via e/ou basculamentos de tráfego.

A duração dos trabalhos ocorrerá em seis meses.

A Brisa agradece antecipadamente a compreensão e colaboração dos automobilistas e espera contribuir para reduzir eventuais inconvenientes decorrentes desta operação, estando certa de que os possíveis incómodos serão largamente compensados pelo nível de qualidade, segurança e conforto que resultam de uma autoestrada mais bem-adaptada às necessidades de quem a utiliza.

Para informação de trânsito atualizada poderá consultar o site www.brisaconcessao.pt.

Melhoramos a pensar em si

Estabilidade, identidade, troféus e saldo negativo em jogadores falam por Zubizarreta

FC PORTO O que esperar do novo diretor Desportivo dos dragões? O escolhido por Villas-Boas tem um currículo invejável no Barcelona, onde venceu duas Ligas dos Campeões. Trabalhou ainda no Athletic Bilbau e no Marselha.

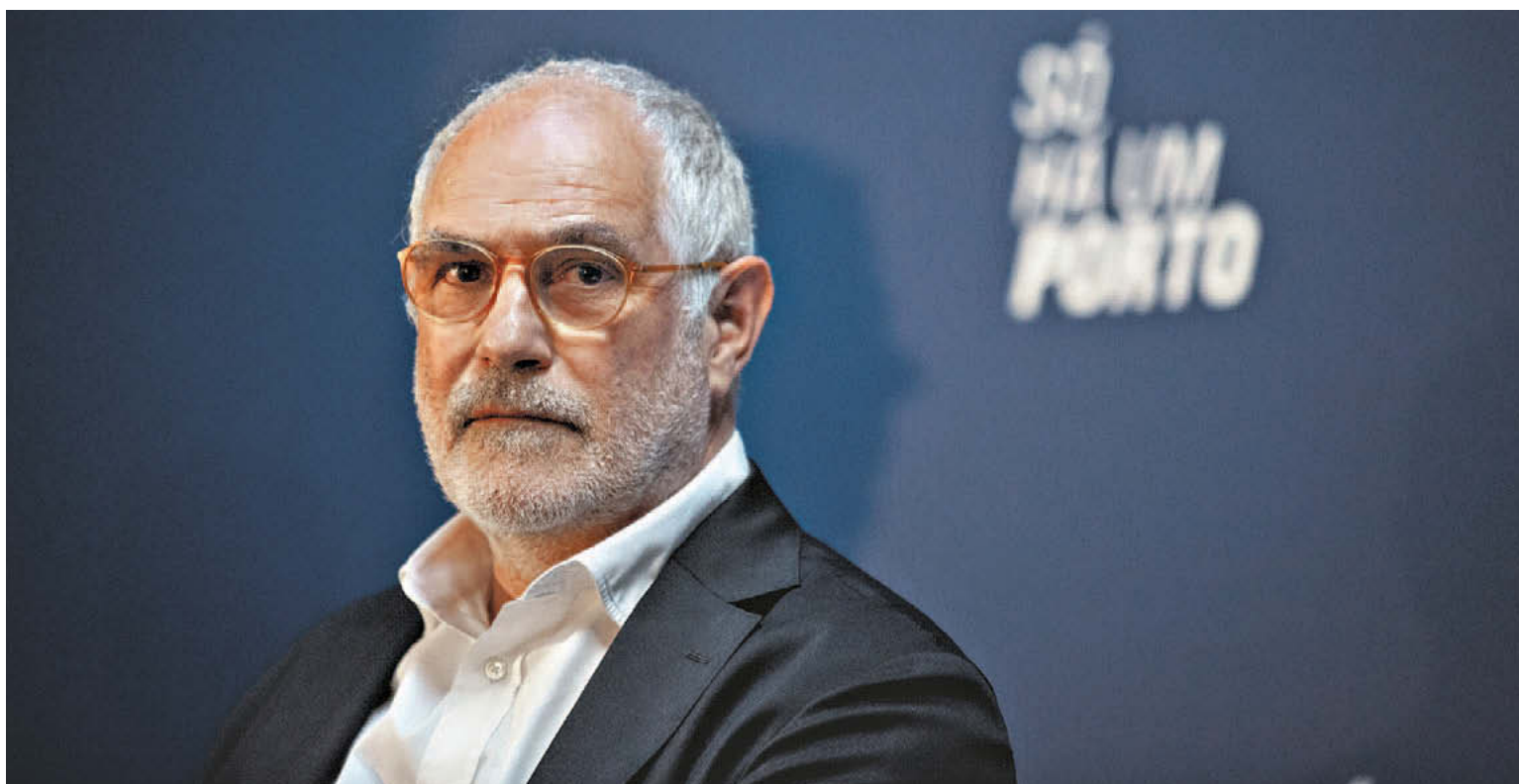
TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Para Andoni Zubizarreta, o papel de um diretor Desportivo é mais do que comprar e vender jogadores. O espanhol de 62 anos que irá liderar o futebol do FC Porto, depois de André Villas-Boas tomar posse como presidente (dia 7), tem como lema definir o que se quer em cada trabalho, sem esquecer o ADN do clube. E sabe o que é trabalhar e vencer em clubes-bandeira de uma região. No Athletic Bilbau lançou a equipa de futebol feminino, no Barcelona conquistou 14 troféus e no Marselha criou uma academia.

Foi no Athletic – clube onde jogou de 1981 a 1986 como guarda-redes e chegou à seleção espanhola – que Zubizarreta assumiu o primeiro de três projetos como diretor Desportivo. Nos três anos em que esteve em Bilbau honrou a política do histórico e peculiar clube basco de trabalhar com os jogadores da casa, por isso as contratações e vendas foram quase inexistentes. Em três anos transacionou apenas 27 jogadores e apenas sete foram contratações, e sem valores envolvidos (pelo menos que se conheçam).

Apesar disso, os objetivos desportivos superaram as expectativas. Se na primeira época (2001-02) terminou a Liga Espanhola em 10.º e chegou às meias-finais da Taça do Rei, na temporada 2002-03 acabou o Campeonato em 7.º e foi eliminado precocemente na Taça, tal como aconteceu em 2003-04, quando terminou o Campeonato no 5.º lugar.

No verão de 2010 mudou-se para a Catalunha. Como diretor Desportivo, sob a presidência de Sandro Rosell, foi responsável por alguns plantéis *blaugrana* estratosféricos. Zubizarreta contratou 17 estrelas, incluindo Adriano, Mascherano, David Silva, Milito, Fàbregas, Neymar, Luis Suárez, Ter Stegen, Jordi Alba, Thiago Alcântara, Abidal, Ibrahimovic ou Alexis Sánchez, a sua maior venda em 1648 dias como diretor do Barça.

O negócio da compra do passe de Neymar foi oficialmente o maior. Na versão do clube, custou 57 milhões de euros, mas na versão da Justiça espanhola que investigou a transferência foram 74. Um escândalo que o tempo amenizou e que levaria a um encaixe recorde de 222 milhões quando o brasileiro se mudou para o PSG, naquela que é a maior transferência da história e que também acaba por ser uma vitória de Zubizarreta.

Os troféus ganhos pela equipa catalã silenciaram muitas críticas devido aos gastos avultados com contratações, na ordem dos 400 milhões de euros, muito mais do que o valor averbado com 72M€ (!) em saídas, muitas delas excedentários do plantel e jovens saídos de La Masia.

Logo no primeiro ano (2010-11) ganhou o Campeonato, a Supertaça, a Liga dos Campeões e o Mundial de clubes e perdeu a final da Taça do Rei. Na época 2011-12 ficou em 2.º lugar no Campeonato, mas venceu a Supertaça, a Taça do Rei, a Supertaça Europeia e chegou às meias-finais da *Champions*... que repetiu na temporada seguinte, que terminou com a conquista do Campeonato. A época menos conseguida foi a de 2013-14 , com uma Supertaça.

Em janeiro de 2015 deixou o emblema catalão, despedido, depois de a FIFA proibir o clube de contratar jogadores até janeiro de 2016. Apesar da saída a meio, a época 2014-15 terminaria com a conquista da Liga dos Campeões, o Mundial de clubes, o Campeonato e a Taça do Rei. O total foram 14 troféus.

Objetivo falhado no Marselha

Um ano depois de digerir a saída, rumou a França e criou um projeto um pouco diferente. O objetivo era recuperar a glória marselhesa e impedir o domínio de PSG, Lyon e Mónaco.

Em quatro anos contratou 36 jogadores, mas falhou o objetivo. Foi 5.º em 2016-17, 4.º em 2017-18 (ano em que foi finalista da Liga Europa), novamente 5.º em 2018-19 e 2.º em 2019-20, mas lançou as bases do futuro. Saiu em maio de 2020, deixando Villas-Boas no banco e contratações sonantes – Dimitri Payet foi uma delas, assim como Balotelli, Patrice Evra ou Mandanda –, e uma venda recorde, a de Michy Batshuayi ao Chelsea por 39 M€ , entre 72 saídas (muitos emprestados e excedentários).

Mais habituado a projetos onde o dinheiro não é problema, terá um grande desafio pela frente no Dragão, onde a situação financeira conhecida é "preocupante", segundo Villas-Boas. Mas pela primeira vez poderá ter saldo positivo em transferências, uma vez que o FC Porto é mais vendedor que comprador.

"Às vezes, avaliam-se os diretores Desportivos só pelo mercado, mas há muito mais trabalho na organização da estrutura de futebol", respondeu numa entrevista ao *Expresso*, lembrando que "ser diretor Desportivo no Athletic ou no Barça é totalmente diferente, desde logo porque o Athletic está muito condicionado na sua abordagem ao mercado". Assim como no Marselha o mais importante era restruturar o futebol de formação e, por isso, avançou com a construção de uma nova academia. Por isso, segundo o espanhol, "o mais importante é começar por entender para que clube se vai e de que é que esse clube precisa".

E no Dragão poderá ter de escolher um novo treinador, caso Sérgio Conceição não continue. No clube basco trabalhou com Jupp Heynckes e Ernesto Valverde, em Barcelona com Pep Guardiola, Tito Villanova, Martino e Luís Enrique, e no Marselha com Rudi Garcia e André Villas-Boas.

isaura.almeida@dn.pt

HISTÓRICO COMO DIRETOR DESPORTIVO

	ATHLETIC BILBAU	BARCELONA	MARSELHA
Tempo no cargo:	1095 dias entre 2001–2004.	1648 dias entre 2010–2015.	1295 dias entre 2016–2020.
Títulos conquistados:	0	14	0
Gasto com contratações:	-	386,7M€	207,3M€
Jogador mais caro:	-	Neymar 74M€	Dimitri Payet 29,3M€
Receita com transferências:	-	177,6M€	133,6M€
Maior venda:	-	Alexis Sánchez 42,5M€	Michy Batshuayi 39M€
Saldo entre compras e vendas:	-	- 209,1M€	-73,7M€

Andoni Zubizarreta tem 62 anos e trabalhou com Villas-Boas no Marselha. Agora vão trabalhar de novo juntos no FC Porto.

CARLOS CARNEIRO / GLOBAL IMAGENS

Caso passem Palma e Barcelona, respetivamente, Benfica e Sporting podem defrontar-se na final.

ANTÓNIO PEDRO SANTOS / LUSA

Benfica e Sporting em busca da glória europeia

FUTSAL Águias jogam *final four* da Liga dos Campeões com o Palma e leões defrontam o Barcelona. Os dois jogos são amanhã.

Benfica e Sporting procuram novamente a partir de amanhã atingir a glória europeia na Liga dos Campeões de futsal, numa *final four* ibérica a disputar na cidade arménia de Erevan, contra os espanhóis Palma, detentores do troféu, e FC Barcelona, respetivamente.

As águias, que concluíram a fase regular do Campeonato Português no 3.º lugar, chegam a esta fase após superarem com tranquilidade as duas rondas anteriores, procurando conquistar um troféu que levantaram só uma vez (2009/10). Reencontram a formação balear, 5.ª classificada na fase regular do Campeonato Espanhol e que conta com ex-futsalistas do conjunto da Luz – o russo Rômulo, o georgiano Chaguinha e o iraniano Hossein Tayebi.

Já os leões, Campeões Europeus em 2018/19 e 2020/21, têm outro tira-teimas entre líderes das fases regulares dos respetivos Campeonatos, frente a um FC Barcelona de boa e má memória: triunfo leonino na final de 2020/21 (4-3) e derrota em 2021/22 (4-0). Os internacionais portugueses André Coelho e Erick Mendonça, que irá reencontrar a sua ex-equipa, fazem parte das fileiras dos catalães, quatro vezes vencedores desta competição.

Mário Silva, treinador do Benfica, confia nas possibilidades da sua equipa, considerando que, numa competição de equilíbrio absoluto entre os quatro participantes, será a equipa "mais forte, rigorosa e disciplinada" a que irá prevalecer.

"Individualmente sinto um Palma mais forte, com jogadores mais capazes de criar desequilíbrios na baliza adversária, e coletivamente sinto o Benfica mais forte face ao ano passado e espero que o produto final se traduza, desta vez, com a vitória do Benfica, a ser melhor e mais competente, porque acho e costumo dizer que a equipa mais forte, rigorosa e disciplinada é a que vai trazer o troféu", referiu.

Tal como o seu homólogo benfiquista, também Nuno Dias, técnico do Sporting, está confiante que os leões podem alcançar a sua quarta final da Liga dos Campeões de futsal de forma consecutiva e ganhar.

Apesar de considerar "mais justo" o facto de não existir qualquer vantagem associada a um fator casa, em função de a *final four* se jogar em local neutro, Nuno Dias disse não compreender a escolha de Erevan, que dista mais de cinco mil quilómetros de Lisboa. "Por um lado, é mais justo, mas podia ser mais justo noutro sítio qualquer que não a Arménia, com todo o respeito que o país me possa merecer. Mas, seja lá onde for, o mais importante para nós é que o Sporting esteja preparado para jogar contra o Barcelona, competir, vencer e esperar pelo adversário", disse.

Em função de ambas as meias-finais terem emparelhado equipas portuguesas e espanholas, há a possibilidade de uma final portuguesa no domingo. "Era bom, porque era sinal de que tinha ultrapassado o Barcelona e chegado à final mais uma vez. A nossa preocupação é o Barcelona e chegarmos à final. Sei que querem que diga que para o futsal português seria muito bom e eu também considero que sim, mas, desculpem-me ser egoísta, o mais importante é o Sporting ganhar", resumiu.

O Benfica defronta amanhã o Palma, pelas 15.00 horas portuguesas, seguindo-se, às 18.00, o Sporting-Barcelona.

nuno.fernandes@dn.pt

O Benfica ganhou apenas uma vez a Liga dos Campeões de futsal (2009-10). Leões já estiveram em três finais e venceram duas (2018-19 e 2020-21).

Mourinho deixa desabafo: Perguntas sobre o Benfica "lixaram-me a vida"

INCOMODADO Treinador deixou de ir ver jogos ao Estádio da Luz devido aos rumores de um regresso.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

José Mourinho garantiu ontem que não tem convites para orientar equipas portuguesas, e mostrou desagrado com as notícias que o apontam ao Benfica. "Quero treinar, é uma parte fundamental da minha vida. Sem treinar, não há felicidade. Onde? Num clube qualquer que tenha um bom centro de treinos. Mas não tive convites de clubes portugueses", disse, à margem de uma homenagem promovida pelo Rio Ave à equipa que, em 1984, chegou à final da Taça, orientada pelo seu pai, Félix Mourinho.

Questionado se o facto de André Villas-Boas ser agora o presidente do FC Porto pode proporcionar a vontade de treinar o Benfica, Mourinho sentiu-se incomodado. "Não me façam perguntas dessas. Não ando no futebol movido por esses sentimentos. Fui a dois ou três jogos [do Benfica]. Começaram a fazer perguntas desse tipo e já não vou. Lixaram-me a vida com essas perguntas", atirou.

O técnico, que está sem clube desde que deixou o comando da Roma, em janeiro, reconheceu que há uma expectativa sobre o seu próximo desafio. "O que tiver de acontecer vai acontecer. Sei o peso da minha história. Mesmo quando treino equipas não-talhadas para ganhar, as pessoas esperam que eu ganhe sempre. Nas duas últimas épocas joguei duas finais europeias e quero mais", desabafou.

Mourinho falou ainda sobre as eleições no FC Porto, mas preferiu manter distância, embora acreditando na competência de Villas-Boas: "Eu trabalhei com ele? Ele é que trabalhou comigo. Há 15 anos que não trabalhamos juntos e, em 15 anos, as pessoas mudam muito, para bem e para pior."

O treinador optou também por não comentar a derrota eleitoral de Pinto da Costa. "Mantive-me afastado das eleições e continuarei. É um clube importante na minha história, mas quem sou eu para dizer algo mais do que o que a história diz sobre Pinto da Costa. Quanto a Villas-Boas, vivi perto durante cinco ou seis anos e obviamente que não posso dizer algo negativo sobre ele." **Com LUSA**

ANTÓNIO COTRIM / LUSA

Benfica conquistou 4.ª Taça da Liga

Chandra Davidson decidiu ontem a final da Taça da Liga a favor do Benfica. Numa final jogada no Estádio do Restelo, a canadiana marcou o golo que deu o primeiro troféu da época às águias aos 83 minutos... segundos depois de entrar em campo. É a quarta Taça da Liga que o Benfica conquista em cinco anos.

A Ilha de Meizhou, localizada na cidade de Putian, na Província de Fujian, China, é o local de nascimento da Mazu. No topo desta ilha encontra-se uma estátua da Mazu com 14,35 metros de altura, composta por 365 blocos de granito. A estátua simboliza a proteção constante da Mazu aos habitantes da ilha, que tem uma área de 14,35 quilómetros quadrados.

Deusa Protedora Benevolente do Mar – Mazu

Ontem, o dia 23 do terceiro mês lunar, comemorou-se o 1064º aniversário da Mazu, a deusa protetora marítima chinesa. Crê-se que a deusa protege os homens do mar e os habitantes das áreas costeiras com a sua sabedoria, força e amor, representando um poder feminino singular e as virtudes mais elevadas na cultura chinesa. O culto a Mazu já alastrou a mais de 40 países em todo o mundo, com mais de 300 milhões de crentes. O aniversário da deusa é celebrado globalmente nos Templos de Mazu.

Ontem, no dia 23 do terceiro mês lunar, comemorou-se o 1064º aniversário de Mazu, a deusa protetora marítima chinesa. Crê-se que a deusa protege os homens do mar e os habitantes das áreas costeiras com a sua sabedoria, força e amor, representando um poder feminino singular e as virtudes mais elevadas na cultura chinesa. O culto a Mazu já alastrou a mais de 40 países em todo o mundo, com mais de 300 milhões de crentes. O aniversário da deusa é celebrado globalmente nos Templos de Mazu.

Mazu, conhecida também como a deusa A-Má, é uma importante divindade na cultura marítima chinesa, responsável por proteger a navegação marítima. Desde tempos remotos, o povo das regiões costeiras da China começou a venerar Mazu. Antes de ir para o mar, o povo realizava cerimónias para homenagear a protetora, pedindo bom tempo e segurança. Era também comum instalar um altar dedicado a Mazu nos navios.

Os primeiros registos documentais sobre Mazu surgem em textos da Dinastia Song do Sul (1127-1279), contudo, as lendas a ela associadas já circulavam amplamente entre os habitantes de Fujian.

Mazu, cujo nome civil era Lin Mo, nasceu na Ilha de Meizhou, situada no litoral de Fujian. Vivendo perto do mar desde pequena, adquiriu profundos conhecimentos de astronomia e meteorologia, e era excelente nadadora. Com especial aptidão para observar os astros e prever o tempo, Lin Mo diziam aos pescadores se estavam boas condições para ir ao mar.

Na região marítima perto da Ilha de Meizhou há recifes, onde os barcos pesqueiros e comerciais eram frequentemente expostos a perigo. Sempre que soubesse de algum incidente, Lin Mo oferecia prontamente ajuda. Numa noite de tempestade, chegou mesmo a atear fogo à própria casa, para dar um sinal luminoso que guiasse os navegantes e pescadores de regresso ao porto em segurança.

Infelizmente, Lin Mo acabou por morrer durante um resgate no mar. O seu espírito de coragem, bondade, altruísmo e dedicação é profundamente admirado pelo povo. Foram erigidos muitos templos em homenagem a Lin Mo e a sua imagem passou a ser venerada e criados rituais para oferecidos para obter a sua proteção.

Lin Mo é reverenciada e conhecida por designações como Niangma, Mazu e Tin Hau. Desde então, a sua alma passou a residir nos Templos da Mazu para proteger barcos, navios, e homens no mar. Durante as *Sete Viagens Marítimas de Zheng He*, na Dinastia Ming (1405-1433), apesar de inúmeros perigos, as frotas conseguiram superar as adversidades. Dizem que tal se deveu à proteção da Mazu.

As histórias da Mazu foram inicialmente transmitidas oralmente pelo povo. Ao longo das dinastias Song, Yuan, Ming e Qing, o estatuto da Mazu foi continuamente elevado através de mais de 30 cerimónias, fazendo dela uma divindade popular, conhecida pela sua compaixão e amor, e pela sua capacidade de proteger a nação e o povo.

A fé em Mazu tornou-se cada vez mais popular na China. Hoje em dia, desde as cidades chinesas de Dandong, Qinhuangdao, Tianjin e Yantai no norte, até Xangai, Ningbo, Fuzhou, Amoy e Cantão no sul, os Templos de Mazu (também conhecidos como Palácios de Tin Hau ou Templos de Tin Hau) podem ser encontrados ao longo do litoral chinês.

Além do famoso Templo de A-Má, em Macau, o Templo de Lianfeng também é um local para venerar Mazu. Com as *Viagens Marítimas de Zheng He* durante a Dinastia Ming, a devoção a Mazu foi disseminada por muitas partes do mundo, tornando-se uma divindade, cujo culto transcende fronteiras nacionais, que exerce um impacto significativo na cultura marítima do Leste Asiático, um fenómeno que os académicos designam por "Cultura de Mazu".

Atualmente, existem mais de dez mil templos dedicados a Mazu em mais de 40 países e regiões pelo mundo, com mais de 300 milhões de fiéis, principalmente distribuídos em países e regiões do Sudeste Asiático como Japão, Singapura, Malásia, Tailândia, Indonésia, Filipinas e Vietname, entre outros países.

Com a sua sabedoria e força divina, Mazu ajuda os homens no mar e protege, com amor, os habitantes das áreas costeiras e os seus descendentes, representando um poder feminino singular e as virtudes mais elevadas na cultura chinesa. O espírito de Mazu, caracterizado pela "virtude, benevolência e grande amor", é cada vez mais reconhecido e valorizado a nível global.

Em setembro de 2009, o Culto a Mazu foi classificado pela UNESCO como Património Cultural Imaterial da Humanidade, em reconhecimento pelas suas contribuições históricas ao fomento do intercâmbio cultural entre o Oriente e o Ocidente, e à promoção da paz e progresso humano.

Ao dia de 23 do terceiro mês lunar, que este ano caiu no dia 1 de maio no calendário gregoriano, celebra-se o aniversário de Mazu. Todos os anos, os crentes pelo mundo fora realizam cerimónias nos Templos de Mazu para celebrar, rezar e prestar homenagem a esta magnânima e benevolente deusa protetora.

O Templo Thian Hock Keng, em Singapura (*em cima*) e o Templo A-Má, em Macau (*em abaixo*) são os templos chineses mais antigos, construídos pelos imigrantes de Fujian.

A 25ª edição do *Festival Cultural e Turístico de Mazu*, em Meizhou, na China, foi inaugurada em novembro de 2023, com a realização de cerimónias em homenagem à deusa do mar.

Um Vislumbre Da CULTURA CHINESA

INICIATIVA DO MACAO DAILY NEWS

Atingido pela doença e pelas mortes do filho Daniel e de uma das suas netas, de 10 meses, Auster foi espaçando, nos últimos anos, as intervenções públicas.

ORLANDO ALMEIDA / GLOBAL IMAGENS

PAUL AUSTER (1947-2024)

Ascensão e morte da última "estrela" da Literatura americana

LITERATURA Senhor de uma escrita singular, marcada pelo amor a Nova Iorque, Paul Auster morreu na noite de 3.ª feira, aos 77 anos. Deixa dezenas de obras, entre ficção, ensaio e argumentos de cinema, arte a que também se dedicou.

TEXTO **MARIA JOÃO MARTINS**

Pertence, por direito próprio, a uma longa linhagem de grandes escritores norte-americanos que inclui, entre outros, William Faulkner, Philip Roth, Norman Mailer ou Toni Morrison. Mas quando falava das suas maiores referências, Paul Auster recuava mais no tempo e falava de Shakespeare, Cervantes, Dickens, Kafka, Scott Fitzgerald, Beckett, Emily Brontë e até de Jane Austen, cuja proximidade nas estantes de livrarias e bibliotecas, ditada pela ordem alfabética, lhe agradava muito.

Auster morreu na noite desta terça-feira, 30 de abril, aos 77 anos, vítima de cancro de pulmão, na sua casa de Brooklyn, Nova Iorque, a cidade que foi, em simultâneo, um dos grandes amores da sua vida e uma das protagonistas da sua obra literária. Nascido no vizinho Estado de Nova Jérsia a 3 de fevereiro de 1947, é autor de uma vasta bibliografia, traduzida em mais de quarenta línguas. Com 27 livros publicados em Portugal, a última incursão do escritor na ficção aconteceu em 2023, quando publicou o romance *Baumgartner*, considerado por alguns o seu testamento literário. Obra fulgurante sobre a beleza e a tragédia da vida quotidiana, conta a história de um professor de Filosofia, viúvo, a lutar para sobreviver à perda e à ausência da sua mulher.

Estudante na Universidade de Columbia, Auster viveu quatro anos em Paris, que muito o marcaram, nomeadamente pela aproximação que fez a nomes clássicos da poesia francesa como André Breton ou Paul Éluard, que traduziu para inglês. A sua carreira literária "arrancaria" em 1982, com a publicação do livro *A Invenção da Solidão*, inquietante reflexão sobre a conflituosa relação que tinha com o seu próprio pai.

A primeira novela, *Cidade de Vidro*, foi rejeitada por 17 editoras antes de ser publicada por uma pequena chancela da Califórnia, em 1985. Mais tarde, este título tornar-se-ia parte da sua obra mais célebre, *Trilogia de Nova Iorque*. Seguir-se-iam muitos outros como *O Palácio da Lua*, *A Música do Acaso*, *Leviathan*; *Mr Vertigo*; *As loucuras de Brooklyn*, mas também várias obras de não-ficção, coordenações editoriais (das obras completas de Samuel Beckett, por exemplo) e argumentos para cinema.

> Voltou a Portugal várias vezes, a última das quais em 2017, quando não escondeu aos jornalistas o seu desagrado e inquietação com o estado do seu país. "Espero que a América sobreviva a Trump", declarou ao jornalista João Céu e Silva (DN, 12 de setembro de 2017).

O gosto pela 7.ª arte levá-lo-ia, aliás, a produzir filmes (*Fumo* e *Fumo Azul*, com Wayne Wang) e a realizar *A Vida Interior de Martin Frost*, o que o trouxe a Portugal, já que a película teve produção de Paulo Branco. Na nota de intenções que então escreveu (e que a Medeia Filmes recorda agora nas suas redes sociais), Auster declara: "A vida é simultaneamente trágica e divertida, ao mesmo tempo absurda e profundamente significante. Mais ou menos inconscientemente, tentei abarcar este duplo aspeto da experiência nas histórias que escrevi – quer nos romances, quer nos argumentos cinematográficos. Sinto que é o modo mais honesto e verdadeiro de olhar para o mundo e quando penso em alguns dos escritores de que mais gosto – Shakespeare, Cervantes, Dickens, Kafka, Beckett –, todos eles foram mestres em combinar a luz e a escuridão, a estranheza e a familiaridade."

Voltou a Portugal várias vezes, a última das quais em 2017, quando não escondeu aos jornalistas o seu desagrado e inquietação com o estado do seu país. "Espero que a América sobreviva a Trump", declarou ao jornalista João Céu e Silva (DN, 12 de setembro de 2017).

Na mesma conversa, o escritor resumia desta forma a sua rotina de trabalho: "Levanto-me cedo, vou para o escritório e trabalho 3 a 4 horas. Em seguida, almoço e dou um passeio. Enquanto caminho, encontro as soluções para os problemas que se apresentavam no livro na parte da manhã." E acrescentava: "Os meus livros vêm do inconsciente."

A preferência por Emily Brontë

Casado, pela segunda vez, com a escritora e ensaísta Siri Hustvedt (a primeira mulher foi a também escritora Lydia Davis), dizia muitas vezes que preferia a escritora oitocentista Emily Brontë aos seus contemporâneos; não morria de amores pelos computadores e gostava de escrever com caneta em pequenos cadernos. Tinha uma relação tão íntima com a sua velha máquina de escrever Olympia que lhe dedicou um livro. O título? *História da Minha Máquina de Escrever*.

Atingido pela doença e pelas mortes do filho Daniel e de uma das suas netas, de 10 meses, Auster foi espaçando, nos últimos anos, as intervenções públicas. Uma das exceções mais significativas aconteceu para prestar apoio ao seu amigo, e também escritor, Salman Rushdie, alvo de um atentado em agosto de 2022.

Em nota de pesar pela morte do escritor, Carmen Serrano, sua editora em Portugal declarou: "(...) Livros como *A Trilogia de Nova Iorque*, *4321* ou o final *Baumgartner*, entre tantos outros, desafiaram milhões de leitores e derrubaram barreiras linguísticas e culturais em todo o mundo. A voz de Paul Auster é única, a sua obra perdurará. Fomos igualmente privilegiados por conhecer o homem. Culto, sempre interessado e aberto ao mundo, muito amigo da sua mulher Siri Hustvedt, Paul Auster era um homem gentil. A sua relação com Portugal foi forte e constante, acarinhou-nos e foi acarinhado de volta, são muitas as boas recordações que nos deixa."

Ao longo da carreira, Auster recebeu vários prémios e distinções importantes como o Príncipe das Astúrias, a comenda da Ordem das Artes e Letras de França ou o Prémio Médicis de Melhor Romance por Leviathan, mas é possível que nada lhe tenha sido tão agradável como o facto de todos os anos, a 27 de fevereiro, Brooklyn celebrar o *Dia de Paul Auster*.

dnot@dn.pt

O TikTok e todas as angústias da Bucareste destes dias...

Comédia a negro & branco

ROMÉNIA Uma crónica negra e cómica de Bucareste para estilhaçar esta primavera. Estreou-se ontem este *Não Esperes Demasiado do Fim do Mundo*, de Radu Jude, prémio especial do júri em Locarno. O cinema romeno a ficar cada vez mais perto do zero em comportamento. Boa notícia...

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA**

Todo um filme sustentado num golpe de teatro, num *coup de théâtre*, como os franceses chamam. A proeza é aqui do romeno Radu Jude, provocador social que depois de ter vencido em 2021 o *Festival de Berlim* com *Má Sorte no Sexo ou Porno Acidental*, regressa com uma comédia a negro e branco sobre um dia na vida de uma assistente de produção de filmes institucionais.

Mas se antes o cineasta falava de vídeos caseiros e do moralismo de uma sociedade que merece provocação gratuita, agora vai mais longe: este é o seu filme mais ambicioso, aquele em que tenta ir da epidemia dos vídeos TikTok e dos efeitos das redes sociais à atual neura de um país que se sente refém da sua decadência económica e preso na precariedade das ilusões neocapitalistas.

Caricatura radical

A heroína do filme é uma assistente de produção que é explorada por uma produtora de cinema que vai a todas: dos filmes de Hollywood feitos na Roménia aos anúncios para empresas duvidosas.

Angela acorda antes das 6.00 da manhã: tem de fazer todos os recados e conduzir horas nas ruas de Bucareste. Está exausta, cheia de sono e só sobrevive porque criou nas pausas uma *persona* no YouTube chamado Bobica, uma personagem que sob filtros a transforma num homem machista e com um palavreado indecente. Como ela diz: "caricatura extrema, como o *Charlie Hebdo*". É o seu escape. Ao mesmo tempo, tem ainda de tentar resolver um problema com a mãe: o cadáver da avó que morreu há cinco meses vai ter de ser despejado do cemitério. Como se não bastasse, há também a falta de tempo para estar com o namorado – ele pede-lhe 10 minutos, nem que seja pelo menos para a "rapidinha".

O cerne destas duas horas e quarenta minutos é sobretudo a busca de Angela de testemunhos de vítimas de acidentes de trabalho, supostamente para depois servirem de manipulação para um vídeo de campanha pago por uma empresa austríaca.

Paralelamente, Radu Jude vai misturando todas essas imagens a preto & branco desse dia "infernal" com imagens manipuladas de um filme da era comunista chamado *Angela Moves On*, onde também se acompanha uma senhora taxista numa outra Bucareste. Senhora essa que acaba por ser a mãe de um dos acidentados. Ou o cinema a brincar com as narrativas do cinema do passado. Aliás, ou Radu Jude a querer fazer com tanta câmara-lenta e ampliação uma ideia de paragem da imagem cinematográfica. Parar o cinema. Parar tudo. Um gesto tão desafiante como poético, aliás como toda a parafernália caótica do filme: o barulho do autorrádio do carro de Angela, a incompetência da equipa de filmagens e os diálogos com histórias cruzadas desta Roménia de hoje que não consegue esconder as feridas do comunismo.

Do cinismo absurdo há espaço para ficarmos a conhecer bem as personagens, a querermos saber delas. Paradoxalmente, o tal tom *punk* de caricatura não anula um certo vestígio de humanismo, sobretudo quando denuncia práticas de corrupção e outras injustiças sociais, mesmo quando se incluem citações de Uwe Boll, cineasta alemão de Série B que ficou famoso na *net* por oferecer violência física aos críticos de cinema.

E, sim, é verdade, o próprio Uwe Boll, está de corpo e alma no filme a fazer dele mesmo, tal como Nina Hoss, a maior atriz alemã da sua geração, na pele da produtora austríaca que, de forma *blasé*, se diz trineta de Goethe.

A loucura do projeto é ainda ampliada quando há citações do poeta *zen* Matsuo Bashō ou minutos de silêncio de luto pela forma desgovernada como se conduz na Roménia.

Ser romeno hoje

Tão exasperante como entusiasmante, *Não Esperes Demasiado do Fim do Mundo* faz do seu pessimismo uma verdadeira antologia daquilo que pode ser hoje um guia da identidade romena. E dá-nos luta: não dá a papinha feita ao espectador: há que esperar, perceber por onde algum do formulário concetual aborrecido nos leva. A certeza é que é para lugares novos, nem que seja para um *scroll* de *reels* estupidificantes num telemóvel, mas para Radu Jude é sempre importante não haver atalhos. Um tudo ou nada que às vezes faz com que se perca alguma da objetividade.

Sai-se da sala de cinema e percebe-se ainda que há um manguito forte nesta provocação, sobretudo com as condições de trabalho precárias e, em especial, no meio do cinema. Esta assistente de produção que fala de Putin, Zelensky e Salmon Rusdhie não é mais do que uma motorista TVDE, como ela própria percebe. Ela é "o estado do mundo" e a executante da crónica social. Uma personagem cronista que com o seu humor selvagem olha para o tal fim do mundo. Um final do mundo que, afinal, não é mais do que o tal "estado do mundo", onde as pessoas se queixam de que está tudo caro devido à invasão da Rússia à Ucrânia, mas que também opinam sobre a morte da Rainha de Inglaterra, o excesso de trânsito e os problemas do lixo na rua.

Filme anárquico, sim, mas com bom senso nessa gestão do caos. O realismo social que era prática vigente do cinema romeno dos últimos anos está com outro implante, cada vez mais a parecer cinema furiosamente em direto, quase improvisado.

O mapa das estrelas

	JOÃO LOPES	RUI PEDRO TENDINHA	INÊS N. LOURENÇO
NÃO ESPERES DEMASIADO DO FIM DO MUNDO	★★	★★★	★★★★
A TEORIA UNIVERSAL	★		★★
DUPLA OBSESSÃO	★★★	★★	
A SOMBRA DE CARAVAGGIO	★★★	★★	★★
MÁTRIA		★★★	
PROFISSÃO: PERIGO		★★	
THE IDEA OF YOU			★★
SUAVES E SILENCIOSAS			★★
ROSALIE		★★★	
CHALLENGERS	★★★★★	★★★★	★★★

● Mau ★ Medíocre ★★ Com interesse ★★★ Bom ★★★★ Muito bom ★★★★★ Excecional

Anne Hathaway e Jessica Chastain: no labirinto da inocência e da culpa.

À procura do *suspense* perdido

DRAMA Na sua estreia na realização, o diretor de fotografia francês Benoît Delhomme, revisita a herança narrativa de Hitchcock. *Dupla Obsessão* fica a dever o essencial da sua eficácia a duas atrizes hipertalentosas: Jessica Chastain e Anne Hathaway.

TEXTO **JOÃO LOPES**

O mínimo que se pode dizer de um filme como *Dupla Obsessão* é que resulta de uma série de transfigurações sobre a tradição do chamado *thriller* psicológico. Na sua origem está o romance *Derrière la Haine* (2012), da escritora belga Barbara Abel. Em 2020, a respetiva adaptação cinematográfica, *Duelles*, realizada por Olivier Masset-Depasse, foi distinguida nos Prémios Magritte (da produção belga), ganhando em nove categorias, incluindo a de Melhor Filme do Ano. Agora, *Dupla Obsessão*, com produção americana, apresenta-se como uma nova adaptação (do livro e do filme), correspondendo à estreia na realização de Benoît Delhomme, diretor de fotografia francês.

Eis um filme genuinamente fora de moda — o que lhe confere um peculiar capital de simpatia. Não é todos os dias que encontramos um drama centrado em duas personagens femininas, tratadas não como símbolos obrigatórios de uma qualquer causa existencial ou política, existindo "apenas" como emanações de um modo de vida (neste caso, *made in USA*, na classe média de 1960), cuja estabilidade emocional vai ser radicalmente posta à prova. Passam por aqui algumas lições do mestre do *suspense* Alfred Hitchcock, em particular na encenação da dicotomia inocência/culpa, mesmo se Delhomme se fica pela dimensão de um discípulo aplicado.

Evitando revelar mais do que está no *trailer* do filme, as peripécias de *Dupla Obsessão* evoluem a partir da relação cúmplice de Alice e Céline, vizinhas, grandes amigas e exemplares mães de família. Quando o filho de Céline morre na sequência de um acidente caseiro, ela parece empenhar-se numa estranha aproximação do filho de Alice, a ponto de esta julgar que se trata de um estratagema para que o seu filho tenha um fim semelhante… Se quisermos ficar pela "psicologia" mais rudimentar, diremos que assistimos a uma fábula cruel sobre o instinto materno — o que, bem entendido, está expresso no título original: *Mothers' Instinct*.

Jessica Chastain e Anne Hathaway interpretam Alice e Céline, respetivamente, e escusado será dizer que o filme lhes deve muito da sua eficácia. Hipertalentosas (ambas "oscarizadas"), são como os grandes intérpretes musicais que sabem valorizar qualquer *performance*, mesmo com uma partitura apenas exemplarmente académica.

Aliás, o seu empenhamento neste projeto fica confirmado pelo facto de surgirem na ficha técnica de *Dupla Obsessão* também como produtoras. Podemos até supor que tal condição envolve uma forma de "protesto" contra o facto de filmes com estas características corresponderem a um conceito clássico de produção "média" que, ao longo das últimas décadas, os grandes estúdios de Hollywood foram desvalorizando.

Benoît Delhomme sabe gerir tudo isso sem recorrer a sublinhados gratuitos para afirmar a sua nova condição "autoral". Decidiu manter a responsabilidade pelas imagens (o que nem sempre acontece quando um diretor de fotografia começa a realizar), fazendo-o sem ostentação, ao serviço dos ambientes de uma história de inusitada inquietação — entre a naturalidade dos instintos e a dimensão maligna capaz de os contaminar.

O multiverso a preto e branco...

Para cinéfilo apreciar

CINEMA Sendo sobretudo uma fantasia de estéticas cinematográficas, *A Teoria Universal*, de Timm Kröger, negligenciou a substância. Quem aceitar a proposta, no entanto, pode contar com alguns deslumbramentos, entre Hollywood e a Física Quântica.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

Um filme pode legitimamente nascer do desejo de evocar outros filmes, autores e épocas, mas será o propósito exclusivo dessa evocação suficiente para o tornar um objeto encorpado? Eis o problema que se levanta perante o lindíssimo *A Teoria Universal*, do alemão Timm Kröger. Um filme que parece ansioso por oferecer um banquete aos sentidos apurados de qualquer cinéfilo, definindo como prioridade o deleite visual e sonoro que advém de uma gramática roubada a estéticas de cinema antigo bastante reconhecíveis – através delas, o espectador entra no jogo das imagens, acomoda-se no sofá das múltiplas referências, sem que importe, de facto, para onde está a ir. Kröger, jovem realizador que assina a sua segunda longa-metragem, assumiu esse risco do exercício de estilo, e os resultados são tão apelativos em termos formais, quanto vagos e frágeis no conteúdo.

Dito isto, *A Teoria Universal* tem alguma coisa dentro: o seu bloco narrativo central passa-se em 1962, na avassaladora paisagem dos Alpes suíços, onde um doutorando de Física Quântica, Johannes Leinert (Jan Bülow), acompanha o seu orientador de tese num Congresso Internacional de Física... cujo conferencista desapareceu.

Apenas o primeiro de vários fenómenos estranhos que vão envolver a estadia do protagonista num remoto hotel de luxo frequentado por personagens com o seu quê de fantasmagórico, seja um professor chamado Blumberg, que é um antigo candidato ao Nobel e parece ter assuntos mal resolvidos com o dito orientador, seja uma misteriosa mulher, Karin, que toca piano na banda de *jazz* do hotel e desperta em Johannes uma espécie de obsessão romântica, que fica ainda mais enigmática quando ela se mostra conhecedora de episódios da infância dele, que nunca tinham sido revelados a ninguém.

Pegando nestes elementos de *thriller* – muito bem costurados pela fotografia a preto e branco e uma banda sonora que reproduz a impressão de uma *suíte* de Bernard Herrmann encomendada para um filme de Hitchcock –, Kröger limita-se a manter o *pastiche* na ordem do bom gosto, com o sabor das produções de Hollywood dos Anos 40/50 a misturar-se com a ficção científica de Série B, numa brincadeira de *Guerra Fria* em que a história é manuseada em função dos planos mais bonitos e próximos do efeito que se pretende.

Essencialmente, *A Teoria Universal* vive da construção plástica da atmosfera, de um toque de fantasia fílmica, que é sempre um portento para os olhos quando se aventura na vertigem da neve e nas montanhas carregadas de segredos, embora nada aqui produza grande significado para além da beleza momentânea, do clique da citação. O que é ainda mais prejudicado pela noção de que a teoria à volta da qual se ergue a suposta estranheza dos acontecimentos é a teoria do multiverso, palavra que já atingiu o seu ponto de exaustão nos enredos de super-heróis, e que não ganha propriamente uma leitura revigorante neste contexto. Uma pena, porque não deixa de ser um filme trabalhado com paixão artesanal, que vibra na retina e tende a evaporar-se depois de acabar.

CARTOON POR MIGUEL AGUIAR

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1						■					
2						■					
3							■				
4					■			■			
5	■	■	■						■		
6						■					
7			■						■	■	■
8				■			■				
9					■						
10						■					
11						■					

Horizontais: **1.** Relativo a modalidade. Metal branco e precioso. **2.** Inflamação da íris. Indício. **3.** Aparato. Tontura. **4.** Certo ruído na respiração. Símbolo de nanossegundo. Preposição designativa de falta. **5.** Fruto deiscente das leguminosas. Cálcio (símbolo químico). **6.** Cativo. Quentura. **7.** Eles. Ministrar uma substância com o efeito de acalmar. **8.** Sociedade Portuguesa de Autores (sigla). Numeração romana (4). Torno de pau. **9.** Extrema alvura (figurado). Escoar. **10.** Fio metálico. Não ferida. **11.** Triturar. Queixal.

Verticais: **1.** Dar mios. Emitir, qualquer animal, especialmente o cão, um ruído surdo e ameaçador. **2.** Fímbria. Cilada. **3.** Diário. Aprovação (figurado). **4.** Por meio de. Ave pernalta corredora. **5.** Díodo emissor de luz. Gostei muito. Érbio (símbolo químico). **6.** Engenheiro (abreviatura). *Digital Video Disc*. **7.** Post-scriptum (abreviatura). Falta de chuva. Víscera dupla. **8.** Curso natural de água. Peça do piano para percutir as cordas. **9.** Erva-doce. Círculo. **10.** Gato (popular). Botoeira. **11.** Cordão de metal ou de requife que guarnece ou abotoa a frente do vestuário. Discursar.

SUDOKU

7	4			5			3	
5		1					2	9
								5
		4	7					
3	2		5		9			1
	1				2	5		
4	7		1	9			5	6
2			4					
1				2			4	

SOLUÇÕES

7	4	2	9	5	6	1	3	8
5	3	1	8	7	4	6	2	9
8	6	9	2	1	3	4	7	5
6	5	4	7	8	1	3	9	2
3	2	8	5	4	9	7	6	1
9	1	7	3	6	2	5	8	4
4	7	3	1	9	8	2	5	6
2	9	6	4	3	5	8	1	7
1	8	5	6	2	7	9	4	3

Palavras Cruzadas

Horizontais: 1. Modal. Prata. 2. Irite. Sinal. 3. Alarde. Oira. 4. Rala. Ns. Sem. 5. Vagem. Ca. 6. Refém. Calor. 7. Os. Sedar. 8. SPA. IV. Taco. 9. Neve. Drenar. 10. Arame. Ilesa. 11. Ralar. Molar.

Verticais: 1. Miar. Rosnar. 2. Orla. Espera. 3. Dial. Aval. 4. Através. Ema. 5. Led. Amei. Er. 6. Eng. Dvd. 7. PS. Seca. Rim. 8. Rio. Martelo. 9. Anis. Anel. 10. Tareco. Casa. 11. Alamar. Orar.

Momentos da História de Portugal projetadas nas ruínas do Carmo.

DR

A História de Portugal projetada nas ruínas do Carmo

ESPETÁCULO *Lisbon Under Stars* leva o público a uma "viagem" por vários momentos da história portuguesa.

TEXTO **MARIANA MELO GONÇALVES**

Por baixo do céu estrelado, e até 13 de julho as ruínas do Carmo, em Lisboa, voltam a transformar-se numa tela tridimensional para o espetáculo *Lisbon Under Stars*.

Durante 45 minutos são projetados nas antigas ruínas uma viagem imersiva sobre a História de Portugal, passando pela Batalha de Aljubarrota, a época dos Descobrimentos, o terramoto de 1755 e a revolução do 25 de Abril. O espetá- culo está dividido em 12 capítulos e com vários efeitos especiais e a *performance* de uma equipa de bailarinos. "Todos estes atos implicam um trabalho minucioso de pesquisa, depois de procura de atores, da gravação, para contar uma história", explicou Sandra Árisa, do *atelier* Ocubo em conversa com DN.

O novo espetáculo foi, de facto, criado de fundo pelo *atelier* Ocubo. "Há 20 anos que fazemos este tipo de projetos. Esta nova forma de contar a História tem sido bem recebida pelo público. Existem teatros, cinemas e imensos monumentos mas não há um espetáculo como o nosso com esta dimensão. Temos tido sempre uma procura imensa. Por essa razão, tínhamos vontade em criar um espe- táculo único, uma criação de autor, e contribuir para mais uma oferta a quem visita Lisboa", afirmou.

Narrado pela atriz e apresentadora Catarina Furtado, a banda sonora do espetáculo conta com a participação de artistas como Mariza, Teresa Salgueiro, Luís de Freitas Branco, Salvador Sobral e músicas de Zeca Afonso. Um dos capítulos do espetáculo é unica- mente dedicado a Amália Rodrigues.

"Pedimos ajuda à Catarina Furtado. Sentimos que ela se entregou muito e que realmente gostou de participar no espetáculo", acrescentou.

A história do local contribuiu para a sua escolha. "É um dos lugares mais icónicos de Lisboa. E enquadra-se na história que estamos a contar. Passou pelo terremoto de 1755 e foi reconstruído. É um espaço transcendente e carrega histórias", acrescenta.

O espetáculo foi distinguido com o prémio *Gold A' Design Award* na Categoria Cultural, *Heritage and Culture Industry Design Category* 2018-2019 e obteve o 1.º prémio na Categoria de Melhor Evento Cultural nos prémios *Bea World Best Event Awards*, que se dedicam a destacar os melhores eventos a nível mundial.

Os preços dos bilhetes variam entre 15 e 20 euros e parte das receitas a reverterem a favor da associação sem fins lucrativos Corações com Coroa, bem como parte dos lucros do espetáculo.

Outros espetáculos

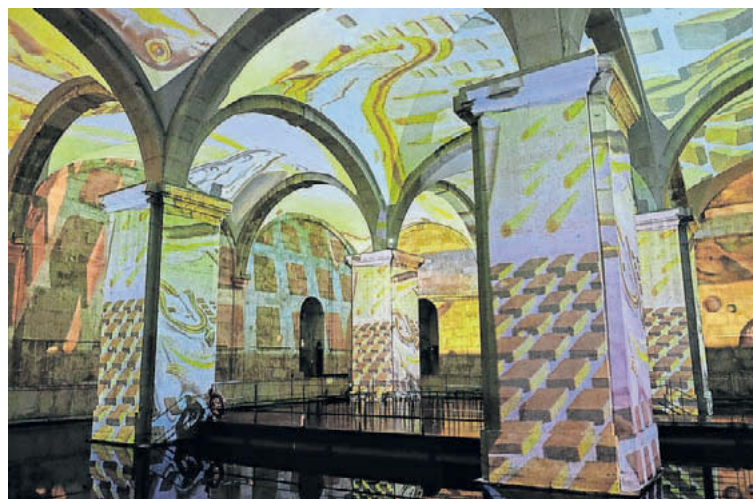
Em Lisboa, o *atelier* Ocubo tem outros três projetos. No Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras: *Impressive Monet & Brilliant Klimt*, *Dalí Cybernetics* e *Misterioso Egito*.

No *Impressive Monet & Brilliant Klimt* são projetadas obras dos dois pintores no Reservatório da Mãe d'Água durante 30 minutos. O espetáculo é acompanhado por música clássica, onde as pinturas ganham vida.

Já o *Dalí Cybernetics* dá a conhecer aos visitantes a vida do pintor surrealista espanhol Salvador Dalí através de 150 das suas obras. Este espetáculo inclui vídeos com entrevistas do pintor, instalações interativas, uma experiência de realidade virtual e projeções de 30 minutos dentro do reservatório.

Por sua vez, o espetáculo *Misterioso Egito* leva os visitantes à descoberta da antiga civilização durante 30 minutos. No Reservatório da Mãe d'Água são projetadas obras expostas em museus e bibliotecas de diferentes países, incluindo peças do tesouro do Faraó Tutankhamon e a inscrição da Pedra de Roseta.

mariana.goncalves@dn.pt

ÁLVARO ISIDORO / GLOBAL IMAGENS

A Mãe d'Água também serve de palco aos espetáculos do Ocubo.

Ayrton Senna homenageado em São Paulo e Imola

No Cemitério do Morumbi, em São Paulo, Brasil, familiares e fãs prestaram homenagem – ontem, 1 de maio –, junto à campa de Ayrton Senna pelo 30.º aniversário da morte do piloto brasileiro de Formula 1. Senna morreu aos 34 anos num trágico acidente durante o Grande Prémio de São Marino, em Imola. Também neste circuito italiano o piloto foi homenageado com um minuto de silêncio às 14.17 locais (13.17 em Lisboa), a hora em que a estrela dos circuitos perdeu a vida.

SEBASTIÃO MOREIRA/EPA

Auditoria à Santa Casa entregue. Segue para Tribunal de Contas

RELATÓRIO Consultora BDO entregou à SCML o documento final. Ministério do Trabalho reenviou-o para órgão de fiscalização.

O Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social (MTSSS) enviou para o Tribunal de Contas (TdC) o relatório final da auditoria à Santa Casa Global, por causa da internacionalização dos jogos sociais, confirmou ontem fonte do ministério.

De acordo com a mesma fonte, foi a ministra Maria do Rosário Palma Ramalho quem tomou a decisão de enviar o resultado da auditoria para o TdC, acrescentando que a auditoria havia já seguido para o Ministério Público ainda durante a governação da ministra socialista Ana Mendes Godinho.

Fonte ligada ao processo garantiu à Lusa que a consultora BDO entregou à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa o relatório final da auditoria. No início do ano, a instituição havia enviado para o MP e para o TdC o relatório sobre a auditoria externa feita à Santa Casa Global com dados recolhidos até 31 de janeiro de 2024.

A provedora da SCML, e os elementos da Mesa, foram exonerados em 30 de abril, mantendo-se em funções até à nomeação de nova equipa.

O Governo acusou a ex-provedora da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML), Ana Jorge, e os elementos da Mesa, de "atuações gravemente negligentes", que afetaram a gestão da instituição, justificando desse modo a exoneração.

Posteriormente, numa carta enviada a todos os trabalhadores, Ana Jorge acusou o Governo de a ter exonerado de "forma rude, sobranceira e caluniosa" e que foi apanhada de surpresa.

Em carta, à qual a Lusa teve acesso, a provedora agora exonerada assume que "foram onze meses muito duros", em que, defende, a equipa trabalhou "rumo à sustentabilidade financeira, à motivação dos colaboradores" e em prol do compromisso social assumido com "milhares de pessoas".

Ana Jorge tomou posse em 2 de maio de 2023, escolhida pelo anterior Governo socialista de António Costa, e herdou uma instituição com graves dificuldades financeiras, depois dos anos de pandemia e de um processo de internacionalização dos jogos sociais, levado a cabo pela administração do provedor Edmundo Martinho, que poderá ter causado prejuízos na ordem dos 50 milhões de euros.

DN/LUSA

BREVES

Chuvas torrenciais no sul do Brasil causam 10 mortos

A queda de chuva intensa que afeta desde segunda-feira o Estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, causou pelo menos 10 mortos e cerca de duas dezenas de desaparecidos.
Segundo o último Boletim da Defesa Civil, 2576 pessoas tiveram de deixar as suas casas em 104 municípios do Rio Grande do Sul devido ao aumento do nível dos rios e às enchentes. As autoridades regionais estiveram focadas em resgatar famílias que ficaram isoladas, especialmente no Município de Candelária, que está em estado crítico. O Rio Grande do Sul sofreu, desde setembro de 2023, três episódios de inundações e chuvas torrenciais causadas por ciclones extra-tropicais. As previsões meteorológicas apontam para que as chuvas continuem intensas até sexta-feira.

Mais de 300 escritores detidos de forma arbitrária

Pelo menos 339 escritores, intelectuais e jornalistas foram detidos de forma arbitrária em 2023 por aquilo que escreveram ou disseram, o que representa um aumento de 9% face a 2022, revelou ontem a organização PEN America. Num relatório intitulado *Liberdade para Escrever*, revelado ontem, esta organização norte-americana de defesa dos Direitos Humanos e da literatura revelou que a China e o Irão foram os dois países onde se registou um maior número de detenções.
Para a estatística anual realizada pelo PEN America são consideradas as pessoas que vivem da palavra escrita ou dita, em contexto de trabalho e ativismo, nomeadamente comentadores, jornalistas, escritores, académicos, editores ou tradutores.

Vacina com resposta contra tumor cerebral

Num primeiro ensaio clínico em humanos, com quatro adultos, uma vacina de mRNA contra o cancro reprogramou rapidamente o sistema imunitário para atacar o glioblastoma, o tumor cerebral mais letal, revelou ontem a Universidade da Florida. O glioblastoma está entre os mais terríveis diagnósticos, com uma sobrevida média à volta dos 15 meses. O padrão atual de tratamento envolve a cirurgia, radiação e quimioterapia. Os resultados do estudo reproduzem os obtidos num teste com 10 cães que tinham desenvolvido tumores cerebrais, cujos donos aprovaram a sua participação dado não existirem outras opções de tratamento, bem como os de um estudo pré-clínico com ratos, indica a universidade dos Estados Unidos num comunicado.

DN

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Secretário-geral** Afonso Camões **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

56623

5 605290 023002